

4

A pedagogia da luz como fonte de vida na cura do cego.

Através de uma modesta exegese do texto, se procurará demonstrar, que Jesus, ao dar a vista ao cego de nascença, de igual modo, também o ajuda na conquista de **sua dignidade humana, dando-lhe a vida**. Pois a partir da ação recriadora, Jesus o integra na comunidade Joanina, depois de ser excluído da Sinagoga. Percebe-se que a atuação de Jesus é ancorada no envio do Filho pelo Pai,¹ cujo projeto salvífico, consiste em que o ser humano tenha vida e liberdade.

4.1.

O enviado do Pai

Ἀποστέλλω, no sentido fundamental de enviar é, na literatura grega e na linguagem falada tanto do tempo clássico, como do helenismo, abundantemente empregado para falar do envio de pessoas, e de coisas. No Novo Testamento o termo começa a se tornar um termo teológico, com o sentido de enviar para o serviço do Reino, principalmente, atribui-se o termo a Jesus, como o enviado do Pai.² A autoridade de Jesus é fundada em Deus.³

Constata-se, no entanto, que o quarto Evangelho não menciona os apóstolos.⁴ O termo aparece uma única vez (Jo 13,16), com o sentido comum (não técnico) de enviado. A figura mais destacada no Evangelho é a do discípulo, sobretudo na expressão “o discípulo amado”. O autor faz um contraste contínuo, no contexto histórico posterior ao ano 70, entre o discípulo amado, como tipo da Igreja do quarto Evangelho, e Pedro, como tipo das Igrejas apostólicas. O

¹ Cf. LAGRANGE, J. M. *Évangile selon Marc*, p. 388. “A palavra Pai, com a qual Jesus sempre se dirigia a Deus ou para falar a respeito de Deus, conforme reportam muitas passagens do Novo Testamento, de modo especial nos Evangelhos, é sempre πατήρ com exceção feita em Mc 14,36, Rm 8,15 e Gl 4,6, onde a expressão é um composto de duas palavras com o mesmo sentido, uma aramaica e outra grega: αββα ὁ πατήρ. João o utiliza nove vezes. Sempre apresenta Jesus em diálogo com o Pai. Esta realidade, por si mesma denota o sentido de intimidade entre Jesus e Deus, a quem ele chamava de Pai, independentemente de os Evangelhos não reportarem à palavra aramaica αββα”.

² Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*, p. 191. Jo 3,17.34; 5,26.38; 6,29.57; 7,29; 8,42; 9,7; 10,36; 11,42; 17,3.8.18.21.23.25; 20,21.

³ Cf. BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 173.

⁴ Cf. BROWN, Raymond E. *A Comunidade do Discípulo Amado*, p. 11.

discípulo amado certamente foi uma pessoa real e histórica, discípulo de Jesus, testemunha de sua vida, morte e ressurreição.⁵ Provavelmente é o autor do quarto Evangelho, embora seja possível que sua obra tenha sido continuada e completada pela comunidade. O discípulo amado não é o apóstolo João, irmão de Tiago, filho de Zebedeu. A identidade do discípulo amado é ser discípulo. A sua honra ou título é ser discípulo e não apóstolo. O discípulo amado, como autor do Evangelho conservou cuidadosamente seu nome no anonimato,⁶ para fazer ressaltar ainda mais sua condição de discípulo. Assim como a mãe de Jesus nunca é mencionada pelo nome, para fazer ressaltar sua dignidade de mulher e de discípula de Jesus (Jo 2,1-11). Posteriormente a tradição eclesial identificou o discípulo amado com o apóstolo João, para dar ao Evangelho uma autoria apostólica e assim resgatá-lo das mãos dos hereges gnósticos que tinham se apropriado dele. Mas o Evangelho mesmo nunca identifica o discípulo amado nem explícita nem implicitamente com João, o apóstolo.⁷

Deus no Antigo Testamento se revela como o criador do ser humano que lhe dá gratuitamente a vida e o faz à sua צלם como também ao modo de um artesão que modela um vaso de barro (Gn 2,7). Em (Gn 1,4b-7) trata-se muito mais da criação através de um trabalho do que mediante a Palavra. A vida é, de certo modo, uma dádiva continuamente renovada. Observa-se, no entanto, num primeiro ato criador o aparecimento da luz.⁸ A primeira obra criadora de Deus consiste em expulsar as trevas, o caos e o mal, introduzindo a luz de sua própria glória. Ao longo da história de Israel Deus se apresenta como um pedagogo, toma a iniciativa, é criador e salvador ao mesmo tempo, conduz e ensina através do deserto, que o desígnio criador-salvífico consiste em ter **liberdade e vida**. Vem ao encontro do ser humano e se manifesta de um modo especial, onde a vida está ausente, prometendo-lhe um salvador.⁹

Jesus, no prólogo do Evangelho de João, é o enviado, a revelação do Pai, ungido pelo Espírito, mas revestido de bondade, amor e compaixão. Aqui se dá o

⁵ Cf. LAGRANGE, J. M. *Évangile selon Marc*, p. 388.

⁶ Cf. Jo 1,35-42 aqui aparecem dois discípulos que ouvem João Batista e seguem a Jesus: um é André e o outro permanece no anonimato.

⁷ Cf. BROWN, Raymond R. *A Comunidade do Discípulo Amado*, pp. 31-34.

⁸ Cf. MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas em João*, p. 47. “Conforme nos relata o livro do Gênesis, o primeiro dia foi a criação da Luz, que se distingue dos luzeiros Gn 1,18, obra do quarto dia. Em Jo 1,4, na Luz estava a Vida dos Homens. No versículo seguinte Jo 1,5, ele acrescenta que a luz brilha nas trevas, mas esta não as acolhem”.

⁹ Cf. MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*, pp. 195-198.

início das obras. Não há um texto que as antecede. “Há, sim, um pré-texto que seria a comunidade Joanina necessitada de entender melhor o Messias como a manifestação concreta do Pai. João faz uma caminhada retroativa até o ἄρχή, situando este início junto do Pai”.¹⁰ O cumprimento da promessa feita aos pais se dá, deste modo, no Novo Testamento onde a pregação de João consiste na mensagem de que Deus amou o mundo de tal maneira que enviou o seu Filho “unigênito”, não para julgá-lo, e sim para salvá-lo (Jo 3,16). O envio do Filho é o ato de amor de Deus. O amor de Deus por nós se manifestou nisto: Deus enviou o seu Filho unigênito ao mundo para que vivêssemos por meio dele. O amor de Deus aparece no envio.¹¹

Assim, no seu infinito amor pelo ser humano, Deus se revela na história do povo de Israel. Após ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, Deus “ultimamente nestes dias, falou-nos pelo Filho” (Hb 1,1-2). “De fato, Deus enviou o seu Filho, o Verbo eterno que ilumina todos os homens, para que habitasse entre os homens e lhes mostrasse o modo de ser de Deus (Jo 1,1-18)”. Jesus Cristo, portanto, Verbo feito carne, enviado como “homem aos homens”, aquele que veio morar entre nós, fala do que ouviu do Pai (Jo 3,34) e consuma a obra salvífica que o Pai lhe confiou em toda a sua atividade terrena, manifestada por meio de Palavras, gestos e ações libertadoras. Esta é a razão por que Ele, ao qual quem vê, vê também o Pai (Jo 14,9), por sua presença atuante em favor da vida e manifestação de Si mesmo, e especialmente por sua morte e ressurreição dentre os mortos, finalmente enviado o Espírito da verdade, aperfeiçoa e completa a revelação e a confirma com o testemunho divino e com a certeza de que Deus está conosco para libertar-nos das trevas do pecado e da morte e para ressuscitar-nos para a vida eterna.¹²

Observa-se no início do Evangelho, que o prólogo orienta os leitores de um modo bem próprio. Primeiro, suas palavras iniciais: “No princípio era a Palavra” situa a história de Jesus na eternidade, antes de a Palavra se fazer carne. Antes da criação, a Palavra já estava com Deus. O narrador explica que a Palavra era

¹⁰ Cf. MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas em João*, p. 127.

¹¹ Cf. BULTMANN, R. *Teologia do Novo Testamento*, pp. 434-440.

¹² Cf. DEI VERBUM. *Constituição Dogmática*, pp. 122-123.

Deus.¹³ Todas as coisas foram feitas pela Palavra e a Palavra era **vida e luz**. Portanto, logo no início os leitores já sabem o segredo mais profundo da identidade de Jesus e não devem surpreender-se - como acontece com os personagens da narrativa (Jo 9,1-12) - quando Jesus afirma que revela o que ouviu e viu na presença de Deus.¹⁴ Nem ficarão escandalizados quando ele disser que ele é a vida e a luz do mundo. Segundo, o prólogo identifica João Batista como testemunha de Jesus (Jo 1,6-8.15). Além de preparar para o testemunho, estes versículos preanunciam um tema que se repetirá através do Evangelho: o testemunho de Jesus deve levar à fé de que Jesus provém de Deus. Enquanto o mundo condena a si próprio ao não aceitar este testemunho, os que crerem serão iluminados por Jesus, a luz do mundo.¹⁵

Jo 9,1-12 apresenta o episódio do cego de nascença, onde Jesus se manifesta como luz do mundo. O relato do milagre está intimamente ligado ao belíssimo relato do prólogo a todo Evangelho que também apresenta Jesus como luz do mundo, o prólogo (Jo 1,1-18): “O Λόγος¹⁶ se fez carne e nós vimos a sua glória” (Jo 1,14). A intenção de (Jo 1,19-51), que trata adequadamente o tema do testemunho, poderia corresponder aos primeiros versículos de Marcos, que enunciam o tema do cumprimento da profecia. E assim aconteceu de fato. O Λόγος é a Palavra de Deus, pela qual os céus foram formados, que veio a Israel pelos profetas, foi rejeitada pelo povo em geral, mas encontrou aceitação entre um pequeno resto fiel, ao qual, pelo Filho, ele deu a condição de filhos de Deus, ou seja, a dignidade humana, **a Vida**. A Palavra não somente se realizou, mas foi cumprida num sentido mais profundo. A própria Palavra que procede da boca de

¹³ Cf. MATERA, Frank J. *Cristologia Narrativa do Novo Testamento*, p. 323. “O prólogo identifica claramente a Palavra como Deus - porém não chama a Palavra de ὁ Θεός, preservando assim a distinção entre Deus, que é o Pai, e a Palavra que é o Filho”.

¹⁴ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho Segundo João*, p. 238. “Aqui se torna evidente um dos temas essenciais de João, o da origem de Jesus no confronto com os fariseus, o espantoso para o miraculado, não é mais o milagre, mas o fato de que as autoridades não saibam de onde vem Jesus. A comunidade Joanina, no entanto, sabe que Jesus é de origem divina”. Jo 7,27; 8,14; 9,29; 19,9.

¹⁵ Cf. MATERA, Frank J. *Cristologia Narrativa do Novo Testamento*, pp. 222-223.

¹⁶ Cf. BOISMARD, M. E. *Le Nouveau Testament*, p. 75. “O prólogo de origem Sapiencial nos coloca na trilha de um hino judaico-helenístico. Pode-se encontrar paralelismos desse Λόγος no Antigo Testamento em correspondência com o ‘dabar’ judaico e a tradição filosófica helenística, personificada pelo autor da Sabedoria e por Filon”.

Deus e não retorna a ela vazia,¹⁷ encontrou uma morada concreta no Filho, o enviado do Pai e **trabalhou criando como no começo**.¹⁸

O modo de ser de Jesus nos Evangelhos está em continuidade com o Deus dos pais. “Eu e o Pai somos um”. No quarto Evangelho, o envio do Filho pelo Pai retorna como um estribilho a cada um dos discursos Jo 3,17; Jo 10,36; Jo 17,18. Da mesma forma, o único desejo de Jesus é fazer a vontade d’Aquele que o enviou (Jo 4,34; Jo 6,38), realizar as suas obras (Jo 9,4), dizer o que dele ouviu (Jo 8,26). Há entre eles uma tal unidade (Jo 6,57; Jo 8,16.29), que a atitude de vida adotada por Jesus é uma tomada de posição para com o próprio Deus (Jo 5,23; Jo 12,44; Jo 15,21-24). Quanto à Paixão, consumação de sua obra, Jesus vê nela a sua volta para Aquele que o enviou (Jo 7,33). A fé que ele exige dos homens é uma fé na sua missão (Jo 11,42). Isto implica ao mesmo tempo a fé no Filho como enviado (Jo 6,29) e a fé no Pai que O envia (Jo 5,24).¹⁹ Porém, os novos tempos ultrapassam o que até então era considerado conteúdo da Palavra: “graça (*hesed*) e verdade (*emet*)”. A “*Torah*” não trouxe a graça e a verdade no pleno sentido, mas Cristo sim. Ela não é mais que sombra da verdadeira Palavra. A Palavra é também a sabedoria divina. O Evangelho escatológico declarava que o que tinha de vir já veio: “As coisas antigas passaram: **eis que novas coisas surgiram**”(Ap 21,1).

O prólogo está baseado na concepção filosófica de duas ordens de seres, distintas não por sucessão de tempo, mas pela maior ou menor medida de realidade que possuem. Existe, portanto, a ordem da realidade, pura, transcendente e eterna que é o próprio pensamento de Deus e existe a ordem empírica que é real, só enquanto exprime a ordem eterna.²⁰ O mundo em vários níveis - a criação inferior, a raça humana, a humanidade espiritualmente iluminada - demonstra uma crescente penetração da ordem inferior pela superior, um crescente domínio da luz sobre as trevas.²¹ João adota a linguagem filosófica para apresentar a idéia do Λόγος como o ingresso apropriado para os interlocutores do tempo, a fim de os levar ao objetivo central do Evangelho, e através da qual ele poderia conduzi-los à atualidade histórica de sua narração, enraizada na tradição judaica. A descida do

¹⁷ Cf. KONINGS, Johan. *Evangelho Segundo João - Amor e Fidelidade*, p. 20.

¹⁸ Cf. MAZZAROLO, Isidoro. *Nem Aqui, nem em Jerusalém*, p. 36.

¹⁹ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. *Vocabulário de Teologia Bíblica*, pp. 598-602.

²⁰ Cf. DODD, Charles A. *A Interpretação do Quarto Evangelho*, p. 386.

²¹ Cf. DODD, Charles A. *A Interpretação do Quarto Evangelho*, pp. 383-388.

Λόγος à esfera inferior, trouxe vida e luz para aqueles que o acolheram. Ambos os conceitos aparecem como que um fio condutor de todo o Evangelho de João, sobretudo no chamado Livro dos Sinais (Jo 2-12), e tendo na conclusão do Evangelho uma ênfase especial “... e para que, crendo, tenhais a **vida** em seu nome” (Jo 20,31). O símbolo da luz entrelaçado ao conceito de vida aparece também em (Jo 8,12) e na perícopa a ser analisada nesta dissertação (Jo 9,5).²² Aqui gestos e palavras se juntam na ação recriadora do pedagogo Jesus, o enviado do Pai, em favor do cego de nascença e nos reporta ao modo de ser de Deus, no Antigo e Novo Testamentos: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

4.2. Jesus, o mestre no caminho

Como o enviado do Pai, o Filho de Deus no mundo é o caminho. Sua doutrina é a que ele recebeu do Pai. Esta é a universidade na qual ele estudou.²³ Caminhando, indo e vindo, sempre na busca do encontro com os mais pobres, privados da dignidade da vida é o seu modo de ser nos Evangelhos Lc 13,22; Lc 17,11; Jo 9,35. No quarto Evangelho a perspectiva do pobre assume características diferentes da tradição sinótica. O pobre não é só o economicamente pobre, mas também o enfermo, o desprezado, o humilhado, o marginalizado, o excluído. Estes, aos quais Jesus se dirige são também colocados nos Evangelhos Sinóticos, porém o pobre no quarto Evangelho não tem o peso social e teológico que têm os outros textos no Novo Testamento como, por exemplo, em Mt 25. O termo aparece quatro vezes²⁴ e a frase importante está em (Jo 12,8): “Pois sempre tendes pobres convosco, mas a mim nem sempre tendes”. A frase é tomada da tradição (Mt 26,11; Mc 14,7).²⁵ Quase sempre ela é mal interpretada, no sentido de que sempre haverá pobres e que, enfim, é mais importante ocupar-se com Jesus do que com os pobres.²⁶ Em primeiro lugar observa-se que aqui não se afirma que sempre haverá pobres. Todos os verbos (no texto grego) estão no presente. O

²² Cf. DODD, Charles A. *A Interpretação do Quarto Evangelho*, p. 385.

²³ Cf. OPORTO, Santiago Guijarro & GARCIA Miguel Salvador. *Comentário ao Novo Testamento*, p. 288.

²⁴ Cf. Jo 12,5; Jo 12,6; Jo 12,8; Jo 13,39.

²⁵ Cf. OPORTO, Santiago Guijarro & GARCIA, Miguel Salvador. *Comentário ao Novo Testamento*, p. 289.

²⁶ Cf. KONINGS, Johan. *O Evangelho Segundo João - Amor e Fidelidade*, pp. 149-161.

sentido é: vocês estão o tempo todo (habitualmente) com os pobres. Além disso, no texto não se opõe Jesus aos pobres. Esta afirmação iria contra toda a tradição evangélica (Mt 25), mas o contraste é entre a permanência habitual dos discípulos junto aos pobres e o *καιρός*, momento único e irrepetível da presença de Jesus entre eles: não tendes a mim como de costume.²⁷ O quarto Evangelho usa peculiarmente para enfermidade o termo grego *ἀσθένεια* e para o enfermo *ἀσθένης*, que expressa fraqueza, tanto social quanto corporal. Em Jo 5,1-9 Jesus sobe a Jerusalém para uma festa dos “judeus” e se dirige diretamente à piscina de Betsaida, em cujos pórticos “estavam deitados pelo chão numerosos doentes, cegos, coxos e paralíticos”. Logo se fixa no que era o mais pobre entre todos, pois há 38 anos era doente e não tinha quem o ajudasse. Jesus começa sua viagem a Jerusalém com uma opção pelos pobres.

No texto em análise do capítulo 9º de João, Jesus também cura o cego de nascença, que é mendigo (Jo 9,8) e considerado um pecador (Jo 9,2.34). Por causa de sua cura e seu testemunho será injuriado e humilhado (Jo 9,28) e depois expulso da Sinagoga. Sabe-se que a história deste cego representa a história da comunidade do discípulo amado. A situação do cego pobre e excluído é também a situação de uma comunidade pobre e excluída. Em (Jo 6,2) também se diz: “uma grande multidão o seguia, porque tinha visto os sinais que ele realizava nos doentes...” O povo seguia Jesus por causa do seu compromisso com os pobres. Também a comunidade é crível pelos sinais que realiza entre os enfermos, os pobres, os desprezados.²⁸ Assim, o olhar de Jesus se dirige ao pobre, ou seja, ao cego de nascença. E é a partir do olhar de Jesus, que este homem vai gradativa e inteligentemente chegando ao verdadeiro conhecimento do Filho de Deus, torna-se discípulo²⁹ no caminho e por três vezes confessa humildemente sua ignorância (Jo 9,12.25.36). Justamente, após Jesus apresentar o que o Pai lhe mandou, e o seu

²⁷ Cf. RICHARD, Pablo. *Chaves para uma Re-leitura histórica e libertadora* in: RIBLA, A Tradição do Discípulo Amado, p. 8. “Na Tradição bíblica os enfermos eram sempre marginalizados, fracos, carentes, considerados pecadores, normalmente pobres e mendigos. No quarto Evangelho a perspectiva do pobre é diferente da tradição sinótica, mas nem por isso menos real e profunda”.

²⁸ Cf. RICHARD, Pablo. *Chaves para uma Re-Leitura histórica e Libertadora* in: RIBLA, A Tradição do Discípulo Amado, pp. 7-9.

²⁹ Cf. BARREIRO, Álvaro. *Vimos a sua Glória*, pp. 77-82. “Comentando a vocação dos primeiros discípulos em Jo 1,35-52 - o autor vai dizer que o seguimento de Jesus no Evangelho de João é emoldurado e dinamizado pelo olhar: Jesus voltou-se para trás e, ao ver que o seguiam, perguntou-lhes: ‘Que estais procurando?’ Eles responderam: ‘Ραββί’ nome que traduzido significa Mestre onde moras”?

mandamento significa **vida definitiva**, estabelece-se um conflito com as autoridades. Na clandestinidade, marcada pelo fim do episódio anterior, ao sair do Templo, - centro do ensino oficial que com a Lei mantém o povo submetido a ponto de morrer - e caminhando, ele vê a ausência de “vida” no cego de nascença, sentado à porta. Provavelmente o cego estava sentado à porta do Templo, pois, os cegos, costumavam ficar sentados pedindo esmolas, à semelhança do cego de Jericó, que estava sentado à beira do caminho.³⁰ Os próprios vizinhos que o conheciam não o chamam pelo nome, mas por “aquele que estava sentado pedindo”.³¹

O homem a quem Jesus dirige seu olhar não tem nome,³² o que demonstra a exclusão em que vivia, pois o nome está relacionado com a essência da pessoa.³³ Era cego e mendigo, estava sentado à porta do Templo, provavelmente pedindo esmolas... Passando Jesus viu o cego e foi ao encontro de sua debilidade. Jesus tomou a iniciativa, confirmando no seu modo de ser nos Evangelhos, a continuidade com o modo de ser de Deus no Antigo Testamento, em cujas ações se expressa a preferência pelos pobres e perseguidos, constituindo o centro das Escrituras.³⁴ Este fio condutor, ou seja, o amor preferencial pelos pobres perpassa os escritos bíblicos do início ao fim, e é ao mesmo tempo indicador da presença constante de Deus, junto aos necessitados de vida e liberdade. O livro do Êxodo mostra, no episódio da sarça ardente, a Palavra sendo dirigida a Moisés: “Eu vi a miséria do meu povo que está no Egito” Ex 3,7.³⁵ Deste modo é também a partir do olhar de Deus para o povo oprimido, sob o domínio dos Egípcios, que Moisés é enviado para liderar a caminhada deste mesmo povo pelo deserto, a fim de conduzi-lo à terra da libertação. O olhar do enviado do Pai para o cego de nascença através do Filho, foi a fonte iluminadora, donde brotou uma **nova vida**, a luz da vida,³⁶ o começo da transformação. Assim como Deus ensinou o povo através da travessia pelo deserto, em busca da libertação, também o cego de

³⁰ Cf. Mc 10,46 - O cego estava sentado à beira do caminho mendigando.

³¹ Cf. CÁSSIO, Murilo dias da Silva. *Metodologia de Exegese Bíblica*, pp. 259. Trata-se do contexto cultural e visa fazer uma ponte entre dois universos: o do autor e o do leitor. O redator fornece esclarecimentos a respeito de costumes. Mc 7,2b-4.

³² Cf. BORN, A. “nome” *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, pp. 1046-1050.

³³ Cf. VAUX, Roland de. *Les Institutions de L’ancien Testament*, pp. 74-78.

³⁴ Cf. TRACY, David. *Êxodo: Reflexão Teológica* in: Conciliun, Êxodo: Paradigma Sempre Atual, pp 130-131.

³⁵ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 311.

³⁶ Cf. McKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*, pp. 960-963.

nascença, do qual nos fala o Evangelho, percorreu um longo caminho, no processo de libertação da cegueira,³⁷ no qual se tornou um aprendiz do Mestre.³⁸ Jesus pediu a colaboração humana. O ver não foi passivo: após a aplicação do barro em seus olhos, ele foi³⁹ à piscina de Siloé, o Enviado, a fim de se lavar, conforme o mandato de Jesus e voltou vendo.

O próprio Jesus confirma a validade do apelativo Mestre que lhe dão os discípulos (Jo 13,13): ser mestre é próprio, portanto, da missão de Messias (Jo 18,17). A autoridade do ensinamento de Jesus é claramente baseada em sua intimidade com o Pai. Esta autoridade, vinda da unidade do Filho com o Pai, confere-lhe um modo de ensinar que causa estranheza nos dirigentes, pois, não estudou nas escolas que eles controlam (Jo 7,15). De fato, Jesus propõe o que o Pai lhe ensinou (Jo 8,28).⁴⁰ A doutrina de Jesus entra assim em conflito com os que exercem o magistério no tempo, para o qual reclamam origem divina (Jo 9,29): “A nós, consta que a Moisés Deus esteve falando”. Jesus propõe então a condição indispensável para ser capaz de julgar se sua doutrina procede ou não de Deus. Sua doutrina consiste em querer realizar o seu desígnio (Jo 7,17), promovendo no homem a plenitude de vida (Jo 1,4; Jo 10,10). O ensinamento⁴¹ de Jesus coloca-se, portanto, na linha do desígnio criador conforme Jo 4,34. Quem estiver em sintonia com ele, compreenderá que sua doutrina é de Deus.⁴²

³⁷ Cf. TRACY, David. *Êxodo: Reflexão Teológica* in: Conciliun, *Êxodo: Paradigma sempre Atual*, pp.135 “Na vida de Israel nenhum acontecimento de opressão/libertação pôde ser idêntico à experiência do Egito. Mas o recurso a ela (ao êxodo) foi acumulando sua riqueza simbólica e interpelante, como se o êxodo fosse incorporando todos os processos de libertação”.

³⁸ Cf. BROWN, Raymond E. *O Evangelho de João e as Epístolas*, p. 476.

³⁹ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. *O Evangelho Segundo João I*, pp. 307-315. “Em João a Palavra de Jesus é vida, movimento. Tal como acontecera com o oficial de justiça, a confirmação do milagre: ‘teu filho vive’, no qual tudo se passa longe de Jesus, no caminho. Aqui também, num primeiro momento, a obediência à Palavra, o ir em busca da libertação da cegueira, parece se realizar ‘in absentia’ de Jesus. Mas, ao se colocar no caminho, o cego vai ao encontro da fonte iluminadora capaz de dar-lhe a vida. O ‘Enviado’ do Pai, cujo único desejo é que se tenha vida em plenitude”.

⁴⁰ Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*, p. 189.

⁴¹ Cf. DODD, Charles A. *A Interpretação do Quarto Evangelho*, p. 228. “Os gregos concebem o processo do conhecimento como análogo ao da visão. Isto é, exteriorizam o objeto do conhecimento para chegar à verdade, ou seja, contemplar a realidade última. Para os Hebreus o conhecimento consiste na experiência do objeto em sua relação com o sujeito. A aprendizagem implica uma percepção imediata de alguma coisa afetando a pessoa e pode ser uma doença, perda dos filhos, tranqüilidade interior”.

⁴² Cf. MATEOS, Juan & BARRETO, Juan. *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*, pp. 187-190.

Abrir os olhos aos cegos era uma das missões do Messias esperado.⁴³ Os Sinóticos narram várias curas de cegos: do cego de Betsaida (Mc 8,22-26), de Bartimeu (Mc 10,46-52; Lc 18,35-46) e de um cego mudo em Galiléia (Mt 12,22-23). Porém, só o Evangelho de João registra a cura de um cego de nascença. Jesus ia caminhando, ou passando, quando viu um cego de nascença. O verbo passar é usado em várias passagens do Antigo Testamento para narrar a manifestação de Deus: Deus passou diante de Moisés e manifestou-lhe sua glória, sua bondade e misericórdia (Ex 3,18-23). Também se manifestou a Elias, no monte Horeb, passando diante dele como uma brisa leve (1Rs 19,9-18).

Jesus, a luz verdadeira que ilumina todo homem (Jo 1,9), a luz do mundo (Jo 9,5), que dá a luz da vida aos que o seguem (Jo 8,12), ao sair do Templo e ver um cego de nascença, pousa sobre ele o seu olhar cheio de compaixão. Tudo começou com o olhar de Jesus. Foi Jesus quem viu o cego e não o cego quem acudiu a ele. E o olhou tão detidamente que chamou a atenção dos discípulos sobre ele.⁴⁴

Um dos modos de João mostrar a pedagogia de Jesus é a partir do encontro com o cego. Assim devem-se imaginar os fatos, Jesus saiu do Templo e viu⁴⁵ provavelmente em um dos pórticos, onde costumava mendigar todo tipo de pessoas miseráveis (At 3,2), um cego de nascença. A narrativa coloca em destaque, o fato de que era τυφλὸν ἐκ γενετῆς,⁴⁶ (cego de nascença), a fim de realçar a grandeza do milagre. Mas quer ser ao mesmo tempo um ponto de partida para a **pergunta sobre Jesus**, que perpassa a perícopie, cuja ação reveladora se manifesta à luz pública e à consciência de todos, por intermédio deste ato. Ou seja, ao passar pelo caminho ele cura um cego de nascença.⁴⁷ É bem possível, sob o ângulo da relação Παββί (título dado pelos discípulos), com Moisés, apresentadas pelo evangelista neste texto, que Jesus, ao se colocar a caminho,

⁴³ Cf. Is 29,18ss; 35,5.10; 42,6-7; 49,6.9; 60,1; 61,1-2; Lc 4,18-19.

⁴⁴ Cf. CRISÓSTOMO, João. *Homilias sobre el Evangelio de San Juan*, pp. 272-273.

⁴⁵ Cf. BARREIRO, Álvaro. *Vimos a sua Glória*, pp. 69-71 “Ao passar pelos caminhos Jo 1,36, Jesus volta o seu olhar para os que estão necessitados de ‘luz e vida’ - O Verbo que existia eternamente voltado para Deus, por meio de quem foi criado tudo quanto existe Jo 1,1-2 - o Verbo que, chegada a plenitude dos tempos, ‘se fez carne e ergueu a sua tenda no meio de nossas tendas’ Jo 1,14; o Verbo que nos deu a conhecer ‘o Deus que ninguém viu jamais’ - viu antes de ser visto e olhado pelo cego, justamente porque era cego, necessitado da luz física e espiritual, veio ao seu encontro, passou pelos caminhos da terra”.

⁴⁶ Cf. BROWN, Raymond E. *The Gospel According to John*, p. 371. “De nascença - esta é uma expressão grega, atestada na tradução da LXX e nos escritores pagãos - a expressão semita parece ser ‘do ventre da mãe’.

⁴⁷ Cf. BLANK, Josef. *O Evangelho Segundo João*, pp. 192-194.

conforme o próprio autor nos apresenta καὶ παράγων (e caminhando) tenha tido a intenção de dar continuidade ao ensinamento⁴⁸ ministrado no Templo através do sinal prestes a se realizar. O ensinamento deriva da sua atuação, porque ele, enquanto está no mundo é a luz do mundo. Mas para Jesus o ensinamento com o qual se chega ao conhecimento de Deus e que é união com Deus, não é metafísica nem visão sensível e supra-sensível do absoluto nem tampouco êxtase místico ou entusiasmo. É, ao contrário, condicionado por uma relação histórica do Λόγος. É aqui que a verdade, a realidade absoluta enquanto revelada, deve ser encontrada. Então o conhecimento toma a forma de fé, que é tanto uma aceitação do fato de que Jesus Cristo é a revelação do Deus eterno, quanto uma adesão pessoal a ele. Não como uma etapa preliminar para o conhecimento, mas é o próprio conhecimento de Deus que é comunhão com ele e constitui a vida eterna. É um caminho para ver a Deus.⁴⁹ O desejo e a pressa de ensinar pelo caminho⁵⁰ se confirma pela presença dos discípulos, fora de cena, desde o capítulo 6º de João.⁵¹ Jesus está acompanhado dos discípulos. O autor não nos informa quais são eles, e quantos são. Não importa. Os discípulos representam aqui o leitor, que deve aprender a lição.⁵²

4.3. O diálogo com os discípulos

O mestre, no Antigo Testamento, é em primeiro lugar concebido como um revelador. O discípulo é um ouvinte e a aceitação da doutrina é aceitação de Iahweh, aquele que se revela a Si mesmo como Senhor e salvador de Israel. O ensinamento é dirigido ao homem todo e é ensinamento de vida. O v. 2 καὶ

⁴⁸ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho Segundo João*, p. 237. “A ironia Joanina brinca com o emprego freqüente do verbo οἶδα, ‘saber.’ Através deste termo faz-se sentir uma tensão entre a sinagoga e a Igreja, a primeira inabalável em suas certezas, como enfatiza a repetição do ‘nós’ Jo 9,24.29, e a segunda opondo-lhe um saber mais radical e que não pode ser superado Jo 9,31. Aqui aparece pela última vez a menção deste saber”.

⁴⁹ Cf. DODD, Charles A. *A Interpretação do Quarto Evangelho*, p. 268.

⁵⁰ Cf. McKENZIE John L. “Caminho” *Dicionário Bíblico*, p. 135. “Caminho maneira de vida e de conduta, especificamente designa o modo de ser de vida do cristão ou alguns de seus aspectos. O cristianismo é simplesmente indicado como o ‘caminho’ (At 9,2;19,9.23; 22,4;24,14.22). Provavelmente estas passagens refletem uma indicação particular local e aponta para a concepção cristã da fé, não como um simples ensinamento ou um código de princípios morais, mas como a vontade de Deus, que opera na história, mediante Jesus Cristo, guia da vida humana. O cristianismo é mais que uma fé, é uma maneira de viver”.

⁵¹ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier, *Leitura do Evangelho Segundo João*, p. 228.

⁵² Cf. KONINGS, Johan. *Evangelho Segundo João - Amor e Fidelidade*, pp. 196-197.

ἠρώτησαν αὐτὸν οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ λέγοντες· ῥαββί, τίς ἡμαρτεν, οὗτος ἢ οἱ γονεῖς αὐτοῦ, ἵνα τυφλὸς γεννηθῆ pertence à camada redacional⁵³ de João II-A e se aproxima da característica do conceito de ensino na cultura grega, ou seja, na forma de diálogo. Na cultura grega, se utilizava o diálogo, sobretudo, como veículo de uma apresentação mais ou menos elaborada de aspectos doutrinários, cujo objetivo principal era aprofundar um assunto. Basta ter presente os diálogos de Platão, ou da literatura hermética, ou de Luciano de Samosata e Cícero para entender o papel e o sentido do gênero literário de diálogo: meio de ensinamento, de apresentação e aprofundamento de um ou vários pontos doutrinários que, desta maneira, são objetos de um tratamento mais lento e com possibilidades de iluminar a realidade questionada do objeto.⁵⁴ Na perícopie em questão, trata-se de um diálogo teológico, cuja função de ensinar está dirigida em primeiro lugar à comunidade joanina da qual os discípulos, mas também o cego são os representantes. Os discípulos perguntam ao mestre, equivale a (Jo 4,31)... Ῥαββί, meu mestre. Este termo é usado para designar os mestres da Lei, aplicado a Jesus tanto pelos seus discípulos,⁵⁵ quanto por Nicodemos (Jo 3,2). Nos Evangelhos, de um modo geral, a forma mais atribuída a Jesus é διδάσκαλος, que equivale a ensinar, isto é, mestre. Muda-se para Ῥαββουνί, meu Senhor e meu mestre na forma aramaica, depois da ressurreição (Jo 20,16). Em João Ῥαββί foi o ponto inicial antes de um conhecimento mais profundo de Jesus (Jo 1,38).⁵⁶ Ῥαββουνί é o de chegada, meu Senhor e meu mestre, o grau mais elevado, depois que o seu ensino alcançou o ápice, com a **doação de sua vida** na cruz, prefigurada e antecipada na ceia de despedida, dos discípulos com o mestre (Jo 13,13), onde Jesus ensina a servir os menores e a lavar os pés uns dos outros.

A diferença dos termos, destacada acima em João, indica que Jesus é mestre de modo novo, se coloca no caminho com, e entre os pobres, os que têm necessidade de Deus, e os liberta de suas enfermidades e opressões. Sua marca fundamental é o serviço e o amor fraterno. Supera em muito a doutrina dos

⁵³ Cf. BOISMARD, M. E. & LAMOUILLE, A. *l'Évangile de Jean III - Synopse des Quatre Évangiles en Français*, p. 249.

⁵⁴ Cf. TUÑI, Joseph Oriol & XAVIER, Alegre. *Escritos Joánicos y Cartas Apostólicas*, pp. 44-45.

⁵⁵ Cf. Jo 1,38; Jo 4,31; Jo 6,25; Jo 9,12; Jo 11,18.

⁵⁶ Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. "Mestre" *Vocabulário Teológico do Evangelho de João*, p. 88.

rabinos de sua época.⁵⁷ Nos Evangelhos é provável que não haja dúvida em asseverarmos, que onde Jesus é chamado Senhor, normalmente a palavra representa Rabi.⁵⁸

Na pergunta dos discípulos: “...quem pecou, ele ou os pais dele, para que nascesse cego” está implícito, um conceito errôneo, da que assim ficou sendo chamada teologia da retribuição. Uma mentalidade que corresponde à do tempo de Jesus, e da qual os discípulos participam. Conforme a concepção corrente no judaísmo, a desgraça ou doença era efeito do pecado,⁵⁹ que Deus castigava em proporção exata com a gravidade da culpa.⁶⁰ Um modo de pensar que se concretizou especialmente dentro da tradição sapiencial do Antigo Testamento. Boas e más obras trazem em si conseqüências e comportam efeitos bem precisos. Pode-se deduzir delas a boa ou a má conduta de uma pessoa. O livro de Jó analisa toda esta problemática entranhada nesta mentalidade com a tentativa de explicar o sofrimento do justo. Este livro mostra o problema tomado da experiência de um homem notoriamente piedoso, correto, justo, temente a Deus, longe de todo mal. São esses os atributos com que o personagem Jó é introduzido no escrito (Jó 1,1). Não obstante ser um homem justo, Jó sofre uma desgraça inaudita. Diante de tal experiência, vê-se totalmente frustrado este modo de pensar. Certamente não existe uma solução teórica para esta problemática que pergunta por uma ligação íntima entre bondade moral e bem estar, maldade moral e desgraça, ou doença.⁶¹

Admitia-se também a idéia de uma correção por amor, isto é, que Deus, pelo sofrimento, quer educar e purificar, mas isto era um caso especial. Como regra geral se considerava que não há nenhuma correção sem culpa e que padecer supõe

⁵⁷ Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. “Mestre” *Vocabulário Teológico do Evangelho de João*, pp. 187-190.

⁵⁸ Cf. COENEN, Lothar & BROWN, Colin. “Mestre”, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, p. 1918. “ ‘Rabi’ era, nos tempos do Novo Testamento, um título de respeito que o homem comum dava aos escribas, e o estudante ao seu mestre. Paulatinamente, veio a ser um termo técnico para um homem que recebera uma ordenação - isto é, que recebera autoridade para agir como juiz em questões religiosas. Recebia-se mediante a imposição das mãos. O emprego do termo ‘ordenação’ não deve ser entendido no sentido de ele ser, de qualquer maneira, um ministro no sentido cristão. A “Torah” era exclusivamente uma autoridade na Lei, conforme a sinagoga veio a entendê-la. Esta ordenação era praticada somente na Palestina, e cessou no século IV d.C. Daí em diante, o título de ‘Rabi’ tem sido conferido mediante a opinião de três rabinos de que a respectiva pessoa tem conhecimento adequado para expor a lei”.

⁵⁹ Cf. COENEN, Lothar & BROWN, Colin. “Pecado” *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, pp. 1602-1608. “Na literatura de João, o conceito de ἀμαρτία se encaixa no contexto do evento de Cristo, que mantém a harmonia entre a terra e o céu. Jesus entra no mundo - κόσμος Jo 1,1-14 e carrega sobre Si, como o Cordeiro de Deus Jo 1,29, o pecado do mundo”.

⁶⁰ Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*, p. 407.

⁶¹ Cf. BLANK, Josef. *O Evangelho Segundo João*, p. 194.

o pecado.⁶² Mas nenhum castigo que procedesse de Deus podia impedir ao homem o estudo da Lei. Cegueira, portanto, não podia ser castigo de amor, mas só podia ser maldição.

Também não estava de todo excluída, para os rabinos, a idéia de que uma criança pudesse pecar ainda no útero materno.⁶³ Os “judeus” mais à frente vão expressar a mesma mentalidade de que o cego nasceu em pecado (Jo 9,34); (Sl 51). Todavia a doutrina vétero-testamentária também mostrava a responsabilidade dos próprios atos, sem que as conseqüências fossem colocadas sobre as gerações posteriores. Cada um é responsável, e exclusivamente ele, por seus atos (Dt 24,16); (Jr 31,29); (Ez 18,2).

Segundo Boismard⁶⁴ ο ἀπεκρίθη Ἰησοῦς· οὔτε οὗτος ἥμαρτεν οὔτε οἱ γονεῖς αὐτοῦ ἀλλ’ ἵνα φανερωθῆ τὰ ἔργα τοῦ θεοῦ ἐν αὐτῷ, também se situa em João II-A porque, juntamente com o v. anterior, ele supõe uma concepção do milagre abandonada por João II-B, mas corrente no nível de João II-A: no milagre se manifesta a ação de Deus que se exerce graças à ação de Jesus. Em sua sabedoria de Mestre por excelência, com a intenção de transmitir um ensinamento, relacionado com vida a partir das raízes judaicas do conceito de ensino - conforme nota acima - que se expressará na ação da cura, juntando gestos e Palavras, a resposta de Jesus não é teórica, ou seja, não é uma idéia. Ele desvia a direção da pergunta feita pelos discípulos que compartilham desta mesma mentalidade. Sua atenção está voltada para a falta de vida, relacionada com a cegueira, e põe o caso do cego, em íntima relação com o plano da salvação: ele, o cego, representa um ponto de encontro entre a ação divina e a miséria humana que começou com o olhar de Jesus. O Filho de Deus vê na cegueira ocasião para que se manifeste

⁶² Cf. Ex 20,5: “Não te prostrarás diante desses deuses e não servirás, porque eu, Iahweh teu Deus, sou um Deus ciumento que puno a iniquidade dos pais sobre os filhos até a terceira geração dos que me odeiam”; Ex 34,7b: “mas a ninguém deixa impune e castiga a falta de seus pais nos filhos e nos filhos de seus filhos”; Nm 14,18b; Dt 5,9; Jr 31,29: “nesses dias não se dirá: os pais comeram uvas verdes e os dentes de seus filhos se embotaram. Mas cada um morrerá por sua própria falta. Todo homem que tenha comido uvas verdes terá seus dentes embotados”; Ez 18,2: “Que vem a ser este provérbio que vós usais na terra de Israel: ‘Os pais comeram uvas verdes e os dentes do filhos ficaram embotados?’; Tu, Senhor, lembra-te de mim e olha para mim; não me castigues por meus pecados, meus erros e o de meus pais, cometidos em tua presença, desobedecendo a teus mandamentos”.

⁶³ Cf. BLANK, Josef. *O Evangelho Segundo João*, pp.194-195. “A discussão se apoiava no relato de Esaú e Jacó Gn 25,19-26 - na afirmação de que os dois meninos se chocaram no ventre da mãe Gn 25,22. Pelo contrário, que os filhos deviam sofrer as conseqüências dos pecados dos pais é uma opinião muito difundida”.

⁶⁴ Cf. BOISMARD, M. E. & LAMOUILLE, A. *l'Évangile de Jean III - Synopse des Quatre Évangiles en Français*, p. 249.

neste homem a atividade de Deus e responde à pergunta dos discípulos dizendo que nem o cego, nem os pais são culpáveis. A causa da cegueira também não deve ser atribuída a Deus. Jesus não entra, porém, na discussão a respeito da causa da cegueira. Não é a hora de elaborar teorias nem de buscar os culpados. É a hora de libertar os cativos e dar a vista aos cegos. A hora que Jesus passa e vê o cego de nascença é o *καιρός*, o tempo propício, a ocasião para que se manifestem nele as obras de Deus (Jo 9,3) para revelar-se como o enviado de Deus, como luz do mundo, para que todo aquele que nele crer não permaneça nas trevas (Jo 1,9; Jo 8,12; Jo 12,35-43). O poder e a bondade de Deus vão manifestar-se na cura do cego feita por Jesus, que trabalha na missão recebida do Pai sem perder tempo, “enquanto é dia” (Jo 9,2-5).⁶⁵ Jesus afirma que não é castigo e que Deus não é indiferente perante o mal, mas quer que o homem saia da miséria em que se encontra e o ajuda para isso. As obras de Deus são os milagres, enquanto expressão da atividade salvífica que Deus exerce através de Cristo, o enviado do Pai, luz e vida para a humanidade.⁶⁶

O cego de nascimento não tem experiência nem esperança da luz, e isto sem nenhuma culpa pessoal ou herdada. Mas a cegueira do homem tem também um sentido simbólico, como aparece pelo significado da luz em Jo 9,5 e pela aplicação que se fará do termo cegueira em Jo 9,40. A falta da luz deve-se à ação das trevas (Jo 1,5). Este homem, portanto, representa os que desde sempre viveram submetidos à opressão, sem idéia de que podiam sair dela, por não conhecerem alternativa. Não sabia o que se quer era a luz. Mas, nele vai se manifestar o que Deus faz com os que nasceram e continuam privados de sua condição humana. Nem ele, nem seus pais tinham pecado. Outros são os culpados de sua cegueira (Jo 9,41). Seus pais tinham transmitido a condição de carne (Jo 3,6): “da carne nasce carne”, cuja fragilidade tornou possível a opressão em que vivem.⁶⁷

O homem do relato é cego de nascença e sua cegueira não provém do pecado. Ele não pode então, ser figura do pecado da humanidade. Seu estado simboliza outra escuridão, a nativa, ou seja, está em situação de pecado, porque ainda não conhecia plenamente a luz da vida. Esta é a situação em que todo

⁶⁵ Cf. BARREIRO, Álvaro. *Vimos a sua Glória*, p. 123.

⁶⁶ Cf. NICCACI, Alviero & BATTAGLIA, Oscar. *Comentário ao Evangelho de São João*, pp. 154-156.

⁶⁷ Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*, pp. 407-409.

homem se encontra antes de ser iluminado pela revelação do Filho. No Prólogo, João definiu o Λόγος como a luz que brilha na escuridão (Jo 1,5). Aqui, apresentando o cego de nascença, ele parece remontar a esta origem, pois a iluminação se faz ao longo da história e em cada membro da comunidade Joanina à medida que se aceita a luz, e assim, nasce para uma **nova existência**.⁶⁸ Ao declarar: “É para que nele sejam manifestadas as obras⁶⁹ de Deus”, Jesus de modo algum, afirma que era preciso que esse homem fosse cego para que Deus pudesse mostrar seu poder. Ele está se referindo à situação do cego que lá se encontra, com o qual entra em sintonia e a quem vai dar a visão física e espiritual, manifestando assim a obra de Deus no mundo.⁷⁰

Aqui transparece os pares opostos, característica do quarto Evangelho: dia-noite; luz-escuridão. Segundo John L. Mckenzie⁷¹ o dia não se refere ao dia do juízo. É mais provável que a expressão deva ser uma referência à Encarnação. Portanto, decorrente do envio do Filho que veio ao mundo a fim de cumprir o desígnio salvífico do Pai. Dia é o tempo da luz. Este dia está em relação com a luz do mundo, que Jesus aplica a ele mesmo.

Ao associar a Si os discípulos por um nós⁷² um pouco surpreendente, contrapondo-se a comunidade dos doadores de luz da qual o Evangelho de Mateus também faz referência⁷³ à comunidade que cega, ou seja, os dirigentes do tempo, Jesus determina que deve agir “enquanto é dia”, isto é, enquanto dura seu itinerário terrestre, sua atividade missionária, até à noite, ou o momento de sua

⁶⁸ Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. “Luz”, *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*, pp. 217-220. “No canto do Servo, Isafas orienta para esta novidade: “Eu guiarei os cegos por um caminho que eles não conhecem e fá-los-ei andar por veredas que ignoram; mudarei diante deles as trevas em luz” Is 42,16.

⁶⁹ “As obras de Jesus são ações em favor do homem e são as obras do Pai Jo 5,17.36; 10,14, pelas quais se realiza o seu desígnio: dar vida ao homem. As obras de Jesus são ‘excelentes’ Jo 10,32.33 adjetivo que as colocam na ordem da obra criadora, καλος o mesmo dado a Jesus o modelo, o ‘Bom Pastor’. Pelas obras se chega à fé em que Jesus é o enviado do Pai”.

⁷⁰ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho Segundo João*, pp. 230-232.

⁷¹ Cf. McKENZIE, John L. “Dia”, *Dicionário Bíblico*, p. 234. “Na forma popular de expressão, ‘dia’ significa geralmente o período de luz entre o alvorecer e o crepúsculo. Dia e noite se contrapõem como realidades distintas no relato da criação em Gn 1,4, onde a luz é separada das trevas, do caos e chamada dia.”

⁷² De acordo com os melhores manuscritos, a leitura ‘nós’ – conforme se aborda na crítica textual é preferida à leitura ‘eu’. A comunidade Joanina é associada à ação de Jesus: os discípulos devem, eles também, ‘realizar as obras daquele que me enviou’, cf. Jo 3,11; 4,35-38; 11,7. Porém para alguns autores, como por exemplo: BUSCHE, Henri van den e SCHNACKENBURG, Rudolf o plural não está ligado à associação dos discípulos a Jesus. Segundo estes autores, só Jesus, pode realizar as obras do Pai que o enviou.

⁷³ Cf. Mt 5,14 “Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte”.

morte. Noite é o mundo sem Jesus, por oposição à luz como espaço ou período em que falta a luz-vida. A resposta de Jesus também faz eco à Palavra: “Meu Pai trabalha ainda e eu também trabalho” (Jo 5,7) e assim é justificada antecipadamente a transgressão do sábado (Jo 9,14). Deus intervém no mundo através da luz que ilumina o Filho. Atraída pelo termo dia surge novamente a proclamação eu sou a luz do mundo (Jo 8,12).

4.4. Por que é preciso trabalhar enquanto é dia?

Para responder a esta questão é importante ter presente que o evangelista está num estágio um pouco mais profundo da ruptura radical com os “judeus”.⁷⁴ Por isso, Jesus está também mais próximo da condenação e morte, por parte daqueles que rejeitam a luz, como já foi insinuado em (Jo 8,59).

É preciso trabalhar porque Jesus, o enviado do Pai, luz da vida, tem necessidade de realizar sinais de salvação, pelo mandato de Deus, como “obras daquele que me enviou” enquanto durar o tempo da revelação, portanto “enquanto é dia”, ou seja, o tempo do ministério terreno de Jesus que termina com a sua hora (Jo 12,23.35).⁷⁵

A referência a “aquele que me enviou” está bem presente no Evangelho. Como por exemplo, em (Jo 8,16). Jesus, como o enviado do Pai, manifesta as obras de Deus enquanto é dia, porque estas são as obras da luz, feitas às claras a fim de que todos possam ver.⁷⁶ A noite, quando ninguém mais pode atuar, é uma referência à morte e com isto ao final da atividade terrena de Jesus. O tempo de Jesus é limitado e está chegando ao fim. Ele deve aproveitar todo o tempo para trabalhar mesmo que seja sábado. O final deste tempo que chega para Jesus é a Paixão e morte. Para os discípulos supõe todo tipo de impedimentos para o trabalho.⁷⁷ A continuação “ninguém mais poderá atuar” amplia o horizonte. A noite que põe um limite à atividade de qualquer pessoa, pode chegar de diversas formas: com a morte, o impedimento externo, o caminhar na história. Assim a Palavra passa a ser um apelo a escutar e a se comprometer aqui e agora com a voz

⁷⁴ Cf. MAZZAROLO, Isidoro. *Nem Aqui, nem em Jerusalém*, p.122.

⁷⁵ Cf. SCHNACKENBURG, Rudolf. *El Evangelio Según San Juan II*, p. 304.

⁷⁶ Cf. MAZZAROLO, Isidoro. *Nem Aqui, nem em Jerusalém*. p. 125.

⁷⁷ Cf. BLANK, Josef. *O Evangelho Segundo João*, p. 196.

de Deus que chama a trabalhar enquanto é dia.⁷⁸ O substantivo dia está intimamente relacionado com a expressão “meu dia” em que Abraão viu e se alegrou (Gn 17,17). O júbilo havia invadido Abraão tanto no momento da promessa que lhe foi feita como na hora do nascimento de seu filho em razão da alegria que ele suscitava. Na sua fé,⁷⁹ Abraão encontra-se plenamente alegre porque contemplou antecipadamente não somente as promessas, mas a salvação da qual Isaac era a figura.⁸⁰ Este dia, portanto, é seguramente o dia do Messias, ou o mesmo que dizer, o tempo da revelação do Messias a Israel que veio trazer a libertação para o seu povo.⁸¹ Dia está em relação com a denominação, luz do mundo, que o próprio Jesus aplica a Si mesmo (Jo 8,12; Jo 9,5). Por isso compara o tempo de sua atividade com um período de doze horas (Jo 11,9), ao que segue a noite, em que não se pode trabalhar (Jo 9,4) ou se tropeça (Jo 11,9).⁸²

Jesus confia aos discípulos a continuidade de sua missão. Eles devem associar-se à sua atividade. No cego vão se manifestar as obras de Deus por intermédio de Jesus (Jo 17,36; Jo 3,21; Jo 4,34) mas também os seus deverão realizá-las (Jo 14,12). Essa será a atividade do grupo cristão (Jo 20,21): “Como o Pai me enviou, eu vos mando a vós”. Como aparece neste relato e pelo do inválido (Jo 5,3), as obras que Deus realiza consistem em libertar o ser humano de sua impotência. Tem o objetivo de capacitar os homens para a ação e o exercício da autonomia, no que se refere às situações de opressão e injustiça. A noite é o período das trevas as quais podem considerar de duas maneiras: em si mesmas, como o princípio ativo da morte (Jo 1,5), ou por oposição à luz, como espaço ou período em que falta a luz-vida (Jo 8,12) quando Deus se manifesta oferecendo a salvação (Jo 7,33), e há outro em que a oportunidade passa, o da ausência da luz. Jesus tem o seu dia (Jo 8,56), durante o qual manifesta a luz, que é a glória do Pai (Jo 12,35; cf. 11,9); e logo ele se irá (Jo 7,33).⁸³

Chegará a noite, quando se testemunhar a rejeição definitiva de Jesus. Noite é o mundo sem Jesus, que é a sua luz. Por isso é urgente trabalhar enquanto é dia. Pois, uma vez que os dirigentes do povo tiverem feito a última opção, condenando

⁷⁸ Cf. SCHNACKENBURG, Rudolf. *El Evangelio Según San Juan II*, p. 305.

⁷⁹ Cf. Hb 11,13: “Na fé, (os patriarcas) morreram todos, sem ter obtido a realização das promessas, mas depois de tê-las visto e saudado de longe”.

⁸⁰ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho Segundo João II*, p. 215.

⁸¹ Cf. BALZ, Horst & SCHNEIDER, Gerhard. “Dia” *Diccionario exegético Del Nuevo Testamento II*, p. 260.

⁸² Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. *Vocabulário Teológico do Evangelho de João*, p. 57.

⁸³ Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*, p. 409.

e rechaçando Jesus como rei (Jo 19,41) não se poderá fazer mais nada, a ruína é inevitável (Jo 7,34; 8,31). Enquanto se tem tempo é preciso trabalhar e oferecer a salvação, mesmo que seja sábado.⁸⁴

Precisamente estas demonstrações da atividade salvífica de Jesus são o ponto crítico, mostra-o a referência ao próprio Jesus. Enquanto Jesus estiver no mundo ele é a luz do mundo. Esta afirmação liga o relato com o discurso sobre a luz (Jo 8,12) e ao mesmo tempo revela o caráter simbólico de toda a narração. Se assim se expressa o tempo historicamente limitado da presença da revelação, na afirmação transparece também a importância extratemporal da revelação de Jesus. Porque graças à fé e a pregação da Igreja, Jesus continua sendo para todos os tempos e épocas “a luz do mundo”. O que acontece com este cego de nascença exemplifica o que acontece em cada ser humano que chega ao conhecimento e à fé em Jesus.⁸⁵

4.5. Jesus fonte de luz e vida

No seu modo de ser, profundamente unido ao Pai e por meio de uma pedagogia do relacionamento interpessoal com os seus, depois de esclarecer que a cegueira é *ἵνα* que se manifeste no mundo o desígnio salvífico, ou o brilho das obras de Deus, ou ainda, o brilho da vida, “Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8,12b). Jesus vai ainda mais se auto-apresentando como fonte de luz-vida e conclui o diálogo teológico com os discípulos, repetindo o seu dito anterior na presença dos dirigentes: ὅταν ἐν τῷ κόσμῳ ᾶ, φῶς εἶμι τοῦ κόσμου. Conforme Boismard⁸⁶ este v. é uma glosa, inserida pelo redator final do Evangelho, com o intuito de estabelecer uma ligação com os termos enquanto é dia em Jo 9,4, apontando para uma ação continuada com a idéia mais precisa de que Cristo é “a luz do mundo”. João III, o redator final do Evangelho retoma o tema da luz neste relato, onde Jesus dá a luz ao cego de nascença, daí a adição do v. 5 colocado como centro e sentido simbólico da perícopie.

⁸⁴ Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*, p. 410.

⁸⁵ Cf. BLANK, Josef. *O Evangelho Segundo João*, p. 197.

⁸⁶ Cf. BOISMARD M. E. & LAMOUILLE, A. *l'Évangile de Jean. Synopse III des Quatre Évangiles en Français*, p. 250.

Φῶς,⁸⁷ no seu significado básico de luz, brilho, também abrange as seguintes matizes, entre outros: luz solar, luz do dia, tocha, fogo, luz do fogo, vista. Figuradamente, φῶς significa a luz da vida, isto é, a própria vida, que é altamente estimada como coisa brilhante e como algo comparável com a salvação ou a felicidade. Em grego a palavra φῶς em contraste com σκότος ou νύξ, veio a significar a esfera do bem ético, enquanto se diz que as más ações se praticam na escuridão. Platão estabelece uma equivalência da idéia do bem com a luz do sol. Esta comparação se constitui em profunda significância para a história das idéias. Ao entrar na esfera da epistemologia, (conhecimento) φῶς se enriqueceu grandemente em seu campo de significação. Um contexto tal como este pode ressaltar suas qualidades iluminadoras, enquanto outro contexto pode ressaltar sua função curadora, pois no mundo grego havia uma relação estreita entre a noção do pecado e a imagem das trevas, e a noção de uma redenção e salvação do mal e a imagem da luz. A luz possui poder que é essencial à vida verdadeira. Assim, estar na luz, chega a significar simplesmente viver, enquanto estar no hades, é estar nas trevas.

Segundo Dodd⁸⁸ pelo símbolo da luz foi possível dar uma idéia da relação do absoluto para com os fenômenos, de Deus para com o universo. A luz se comunica por irradiações que são emanações, assim se supunha, de sua própria substância. Deste modo Deus é a luz por cujas difusas radiações apreendemos o mundo fenomenal. À medida que subimos na escala, somos iluminados por estas radiações superiores que são as “idéias” que constituem o κόσμος, até que afinal, o místico contempla a própria Luz que é Deus, não por uma luz qualquer emprestada por ela mesma.⁸⁹

Nos escritos de Fílon e em outros semelhantes, a luz é comumente associada com a **vida** enquanto descrição do real ou do divino.⁹⁰ Deste modo a filosofia recebe uma fresca aragem de sua fonte original no sentimento religioso popular e

⁸⁷ Cf. COENEN, Lothar & BROWN, Colin. “Luz”- *Dicionário Internacional do Novo Testamento*, p. 1220. “A luz é a matéria de outro mundo que se derrama sobre aquele que está disposto a recebê-la, e importa na posseção dos poderes divinos”.

⁸⁸ Cf. DODD, Charles A. *A Interpretação do Quarto Evangelho*, p. 275. “A luz que ilumina todo homem é a que se comunica por emanação do ‘Pai de tudo que é vida e luz’. A maior parte da humanidade, todavia, não está consciente da presença da luz, (eles não se elevam da contemplação dos fenômenos ao reconhecimento de seus arquétipos), mas aqueles que ‘recebem’ a luz, a minoria ‘iluminada’, tem aquele conhecimento de Deus que os faz filhos de Deus e participantes de sua vida”.

⁸⁹ Cf. DODD, Charles A. *A Interpretação do Quarto Evangelho*, p. 276.

⁹⁰ Cf. DODD, Charles A. *A Interpretação do Quarto Evangelho*, p. 274.

ao mesmo tempo responde à aspiração sempre mais intensa à segurança da imortalidade, pois, em tais escritos ζοή⁹¹ significa a vitalidade física e alguma coisa a mais. Se a fonte da luz, pela qual conhecemos, é também a fonte da vida, então, à medida que se avança no conhecimento rumo à visão da Luz, também se participa da vida.⁹²

Encontram-se no Antigo Testamento⁹³ referências freqüentes à luz e aos seus efeitos. B. Jacob e A. Dillmann,⁹⁴ respectivamente, descrevem a luz como sendo o elemento mais sublime, é o primogênito da criação. A luz é o esplendor da vida, não existe, portanto, luz anterior à vida. Ela é a própria vida enquanto se impõe por sua evidência e pode ser conhecida. Tem a primazia sobre todas as demais luzes. Os israelitas ressaltavam sobremaneira que a luz tinha sido criada, a fim de desfazer qualquer tentativa de deificá-la. Existe apenas o Deus único, Iahweh. Algumas passagens descrevem a luz como um tipo de atributo de Deus: a luz é seu manto (Sl 104,20); sua proximidade e presença são indicadas pela luz (Is 60,19-20), a luz habita com Ele (Hb 3,4). Seu brilho era como a luz. Diz-se, especificamente, que é o seu rosto a origem da luz que dEle procede. Para o homem, a luz de Iahweh significa a salvação, idéia esta que se expressa com clareza no salmo (Sl 27,1; Jó 22,28). “O Senhor é a minha luz e a minha salvação; de quem terei medo?” A luz que provém de Deus estabelece os limites da vida de cada homem e brilha sobre todos os homens (Jó 25,3; Sir 42,16). Cada homem, no entanto, ainda deve voltar-se para a luz. O ser humano deve na realidade, olhar para além dela, para a sua origem, conscientemente reconhecendo o poder Criador.⁹⁵

Esses textos apontam para o modo como a revelação divina ilumina toda a existência humana. Também os textos de Qumran acentuam fortemente a idéia de revelação: “Da fonte de seu conhecimento fez brotar a luz que ilumina...” (1Qs

⁹¹ Cf. McKENZIE, John L. “Vida”, *Dicionário Bíblico*, p. 842.

⁹² Cf. DODD, Charles A. *A Interpretação do Quarto Evangelho*, pp. 269-275.

⁹³ Cf. SANTOS, Bento Silva. *Teologia do Evangelho de São João*, p. 391. A metáfora da luz designa a lei e a Palavra de Deus: “Eis como as Palavras da “*Torah*” iluminam o homem quando a ela se aplica. Aquele que a ela não se aplica é semelhante a um homem que está nas trevas e se dispõe a caminhar: ele topa contra uma pedra e nela tropeça. Por quê? Porque ele não tem em mãos ‘a lâmpada’. Qual é a lâmpada de Deus? É a “*Torah*”! O mandamento é uma lâmpada e a “*Torah*” uma luz”.

⁹⁴ Citado por COENEN, Lothar & BROWN, Colin. “Luz”, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, p. 1220.

⁹⁵ Cf. McKENZIE, John L. “Luz”, *Dicionário Bíblico*, p. 944. “Luz e glória são no Antigo Testamento, elementos da teofania, a presença sensível de Deus”.

11,3-4).⁹⁶ O Novo Testamento realça também esta idéia, apontando para o conteúdo da revelação, Deus disse: “Do meio das trevas brilhe a luz!” Foi ele mesmo quem reluziu em nossos corações, para fazer brilhar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face de Cristo.⁹⁷ A missão de Jesus em João é caracterizada como transmissão de luz e vida. No quarto Evangelho o vocábulo φῶς, aparece 23 vezes e constitui-se no sentido cristológico da revelação.⁹⁸ João apresenta o Verbo como a luz que irrompe no meio da escuridão do κόσμος.⁹⁹ A fonte de luz vem até a humanidade. O divino se aproxima do ser humano, arma a sua tenda no meio de nós. Luz e vida se vinculam entre si e segundo Bultmann¹⁰⁰ “Ele, Jesus a luz do mundo é o único que pode cumprir a alegação de que pode dar à existência o correto entendimento de si mesmo... se se deixar iluminar por esta fonte de luz e vida. A luz designa diretamente a natureza de Jesus. Ele não é como a luz; ele é a luz”. Aqui vemos duas noções teológicas fundamentais em João: **vida** indica, não a vida biológica, mas a vida em sentido qualitativo integral, que corresponde à vida eterna. Esta vida em sentido absoluto, que no Evangelho, é identificada com Jesus (Jo 11,25; Jo 14,6) era a luz dos homens. Ζοή, portanto, é um dos termos-chave do Evangelho de João, o núcleo central da teologia e da pregação soteriológica Joanina. O conceito de vida eterna corresponde, em João,

⁹⁶ Citado por DODD, Charles A. *A Interpretação do Quarto Evangelho*, p. 346.

⁹⁷ Cf. SANTOS, Bento Silva. *Teologia do Evangelho de São João*, p. 391.

⁹⁸ Cf. COENEN, Lothar & BROWN, Colin. “Luz”, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, p. 1221. “A nuvem brilhante que Deus empregou na transfiguração do seu Filho Mt 17,5, aponta além de si mesma para Deus, cuja manifestação vem inevitavelmente acompanhada pela efulgência. O Filho também é cercado por radiância: ‘O seu rosto resplandecia como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz’ Mt 17,2. Aqui, a luz é uma manifestação da presença de Deus; nalgumas outras passagens, indica a manifestação do Cristo exaltado: At 9,3; 22,6; 9,11; 26,13, e, noutras ainda, a vinda de anjos mensageiros da parte do próprio Deus At 12,7; Mt 28,2-3”.

⁹⁹ Cf. BLANCHARD, Yves-Marie. *São João*. p. 69. A comunidade Joanina não se mostra indiferente ao mundo que a cerca. É espantoso que a palavra κόσμος, apareça mais de setenta vezes no quarto Evangelho com o sentido de humanidade, e não de universo propriamente dito. Além disso, este parceiro onipresente é considerado o próprio objeto da salvação, o principal destinatário do amor divino concretizado pelo envio do Filho único: “Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho único, para que todo aquele que crer nele não pereça, mas tenha a vida eterna Jo 3,16. Seria errado considerar a comunidade Joanina exclusivamente do ponto de vista de sua oposição ao mundo, como se a certeza de possuir a verdade a tivesse isolado de seu ambiente. Muito pelo contrário, sua provável inserção no mundo grego, em Éfeso? - torna-a particularmente sensível à universalidade do dom de Deus. Apesar da mediação de Israel - ‘a salvação vem dos judeus’ Jo 4,22 - Jesus merece ser confessado o ‘Salvador do mundo’ Jo 4,42. Nesse sentido, o ato de fé dos samaritanos preludia o conjunto da missão cristã, mesmo no meio Joanino. A própria salvação implica toda a humanidade. Jesus não pode ser proposto como ‘Salvador’ se não for em proveito do ‘mundo’. ‘Quanto a nós, vimos e testemunhamos que o Pai enviou seu Filho como salvador do mundo’ 1Jo 4,14”.

¹⁰⁰ Citado por COENEN, Lothar & BROWN, Colin. “Luz”, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, p. 1225.

ao de Reino de Deus ou dos céus. O termo ou expressão Reino de Deus é colocada nos Sinóticos. Pode-se dizer que em João o conceito vida substitui de certo modo o de Reino de Deus. No Evangelho o vocábulo vida aparece 21 vezes; 7 vezes em 1Jo, e a expressão vida eterna 15 vezes no Evangelho e 7 vezes em 1Jo.¹⁰¹ Este termo, mesmo sem o adjetivo que o acompanha freqüentemente, não se refere à vida natural. Para designar esta vida, cujo fim é a morte, João recorre ao substantivo *psychê*. Significativo é o texto de Jo 12,25: “Quem ama a sua vida, a perde; e quem odeia a sua vida neste mundo, guardá-la-á para a vida eterna.” Aqui João opõe qualitativamente a vida neste mundo, que pode perder-se, à vida verdadeira e permanente, da qual Jesus é depositário e dispensador (Jo 6,57; Jo 14,19). A mesma expressão grega é utilizada quando se fala da entrega da própria existência corporal.¹⁰² Nos Evangelhos Sinóticos, vida e vida eterna designam uma condição futura, um dom salvífico escatológico, que se espera do Reino de Deus já consumado.¹⁰³ Em João, porém, se verifica uma surpreendente deslocção da perspectiva: a vida eterna já não aparece como algo futuro, que o cristão aguarda como herança, mas torna-se presente neste mundo mesmo. Toda escatologia futura é de certo modo antecipada. Ela irrompe na história atual, já se realiza no presente, porque a vida que Jesus traz ultrapassa por sua natureza a existência terrena do homem e se prolonga até a eternidade. Assim, a vinda de Cristo como revelador do Pai constitui o acontecimento escatológico decisivo. Ela introduz a “última hora” do mundo (Jo 2,18). Entre as condições para receber a vida eterna, destaca-se a fé em Jesus como salvador universal dos homens. Quem crê no filho tem a vida eterna (Jo 3,15.16.36), passou da morte à vida (Jo 5,4). Esta fé é, ao mesmo tempo, fé no Pai que o enviou (Jo 6,40.47; 1Jo 5,13).¹⁰⁴ **Luz** designa a revelação pessoal e histórica do Deus que salva a humanidade através do Verbo encarnado. Ora, a vida divina começa a manifestar-se e a revelar-se com

¹⁰¹ Cf. João 1,4; 3,15.16.36; 4,14.36; 5,24.26.29.39.40; 6,27.33.35.40.47.48.51.53.54.63.68; 8,12; 10,10.28; 12,25.50; 14,6; 17,2.3; 20,31. Portanto, no total de 36 vezes. Note-se que as expressões vida e vida eterna são equivalentes entre si, de sorte que, sem qualquer explicação, João substitui uma pela outra.

¹⁰² Cf. Jo 13,37-38 (Pedro quer dar a sua vida por Cristo); Jo 15,13; 1Jo 3,16b (dar a vida por seus amigos); Jo 10,15.17-18; 1Jo 3,16a (Jesus entrega a vida por seus amigos).

¹⁰³ Cf. Mc 9,43.45; 10,17.30; Lc 10,25; Mt 25,34; Rm 6,20-23; 1Tm 1,15ss; 4,8; 6,11ss; 2Tm 1,1; Tt 1,1ss; 3,7. Nos Sinóticos, o estado de felicidade é apresentado sob diversas imagens: como banquete Mt 22,1-10; Mc 14,25, aquisição da vida Mt 10,39; 19,29; 25,46; Mc 9,43-58; Lc 9,24, tomada de posse de um grande tesouro Mt 19,21, bem-aventurança plena Mt 25,21.23, repouso Lc 23,42-43, habitação nos tabernáculos eternos Jo 16,9; Ap 7,9-17; Ap 21,3, participação no mundo de Deus Mt 5,21, convivência com Cristo Lc 23,43.

¹⁰⁴ Cf. SANTOS, Bento Silva. *Teologia do Evangelho de São João*, pp. 81-102.

a encarnação do Λόγος.¹⁰⁵ É como o enviado do Pai, ensinando através do seu modo de ser, por Palavras e gestos, como mestre no caminho, em relação, interagindo com o ser humano que Jesus manifesta quem ele é: **luz da vida**. Para João, é graças ao Λόγος, fonte da vida, que a humanidade vê a luz. Ele a conduz à plenitude da vida. A fé em Jesus é o modo de beber desta fonte de luz e vida.¹⁰⁶

4.6. A salvação e o mundo

Jesus está presente como fonte de luz e vida no mundo. Ao símbolo da luz corresponde a dupla reação humana da cegueira e da visão, como respectivamente expressão da descrença e da fé, da condenação e da salvação. Deste modo o milagre da cura em Jo 9,1-12 está a serviço da revelação e da salvação que Jesus veio trazer para a humanidade.¹⁰⁷

Johan Konings esclarece que um dos significados do vocábulo κόσμος apresenta a teoria cosmológica¹⁰⁸ de João. O mundo é a morada e o cenário da história humana. Assim, falando do homem, diz-se que a luz vem a este mundo (Jo 1,9; Jo 16,21). Do Messias e do profeta afirma-se que deve vir a este mundo (Jo 6,14; Jo 11,27). Acerca de Jesus afirma-se que veio a este mundo (Jo 3,19; Jo 18,37), que foi enviado ao mundo (Jo 3,17; Jo 17,18), que está ou estava no mundo (Jo 1,10; Jo 9,5) que volta a deixar o mundo (Jo 13,1; Jo 16,28). O mundo é, neste sentido, o lugar onde se desdobra a história da salvação e no qual Jesus se apresenta como revelador do Pai.¹⁰⁹

A vontade de Iahweh de salvar Israel está enraizada na relação de aliança do próprio Iahweh com Israel e, portanto, nas suas promessas, na sua justiça e na sua fidelidade. Está também ligada com as qualidades da pessoa que busca a salvação. A segurança vem da integridade (Pr 28,18). Judá será salvo da invasão mediante o arrependimento (Jr 4,14). O Justo pode esperar pela salvação (Sl 7,11). O objeto

¹⁰⁵ Cf. Jo 1,4 paralelo a Jo 1,2.

¹⁰⁶ Cf. SANTOS, Bento Silva. *Teologia do Evangelho de São João*, pp. 390-393.

¹⁰⁷ Cf. BLANK, Josef. *O Evangelho Segundo João*, p. 193.

¹⁰⁸ Cf. KONINGS, Johan. “No Mundo, não no Mundo”. *Meditação sobre João e a Cultura*, in: *Estudos Bíblicos* p. 74. “κόσμος traz também a conotação de ‘cosmético’ - bonito, brilhoso, harmonioso... Parece que João quer sugerir o falso brilho deste mundo. Este sentido de ambigüidade transparece claramente em 1Jo 2,16-17: Tudo o que há no mundo, a cobiça da carne (humanidade), cobiça dos olhos e a arrogância dos bens da vida, não vem do Pai, mas do mundo. Ora o κόσμος com sua cobiça, passa, mas quem faz a vontade de Deus permanece para a vida eterna”.

¹⁰⁹ Cf. SANTOS, Bento Silva. *Teologia do Evangelho de São João*, p. 177.

favorito da salvação de Iahweh, porém, nos livros mais tardios do Antigo Testamento são os pobres e indefesos.¹¹⁰ Esses podem invocar a Iahweh com uma insistência que não é possível a mais ninguém, pois sua salvação é dispensada mais solicitamente aos que são mais desesperançados.¹¹¹

Mas a salvação futura assume bem cedo um caráter messiânico e é vista como uma nova criação de Israel, um evento em que todos os temas de vitória e libertação implícitos no termo atingem a sua plenitude. Salvação se aproxima da idéia de libertação de todo o mal, quer coletivo quer pessoal, e da aquisição de segurança completa.¹¹²

O termo salvar nos Evangelhos Sinóticos significa uma cura realizada por Jesus.¹¹³ Esta cura é atribuída à fé da pessoa curada.¹¹⁴ Aqui e em outras passagens, é muito provável que o termo salvar seja usado em sentido pleno para sugerir que a cura é um sinal salvífico de Jesus, que confere uma salvação infinitamente superior à saúde do corpo. A salvação entra na casa de Zaqueu, identifica-se com a pessoa de Jesus (Lc 19,9). Jesus é o princípio e fonte de salvação (Hb 2,10; 5,9). A salvação que Jesus confere é salvação do pecado. Ele dá o arrependimento e o perdão dos pecados (At 5,31). Através do conhecimento da salvação os cristãos se subtraem à corrupção do mundo (2Pd 2,20). Essa salvação vem dos Judeus (Jo 4,22), que são os canais da revelação de Deus e de seus atos salvíficos, mas destina-se a todos os homens.¹¹⁵

A partir do versículo “Deus amou tanto o mundo que entregou o seu único Filho”, e que se tornou muito conhecido, a primeira impressão é de uma atitude favorável de João em relação ao mundo.¹¹⁶ Por isso a comunidade Joanina não pode ser concebida como uma espécie de seita no interior da Igreja. A auto-revelação de Jesus se prolonga mediante a pregação e a atividade dos discípulos no mundo (Jo 17,18). A tarefa de testemunhar a revelação salvífica deve produzir frutos concretos: levar os homens à fé e à vida divina.¹¹⁷

¹¹⁰ Cf. Sl 12,26; 18,28; 76,10; 109,31; Jô 5,6; 22,29.

¹¹¹ Cf. McKENZIE, John. “Salvação”, *Dicionário Bíblico*, p. 834.

¹¹² Cf. OPORTO, Santiago Guijarro & GARCIA, Miguel Salvador. *Comentário ao Novo Testamento*, p. 288.

¹¹³ Cf. Mt 9,21; Mc 3,4; 5,23.28; 6,56; Lc 6,9; 8,36.50; 17,19.

¹¹⁴ Cf. Mt 9,22; Mc 5,34; 10,52; Lc 8,48; 17,19; 18,42.

¹¹⁵ Cf. McKENZIE, John L. “Salvação”, *Dicionário Bíblico*, p. 836.

¹¹⁶ Cf. Jo 1,29; 4,42; 6,36.51; 10,36; 12,47; 17,21.

¹¹⁷ Cf. SANTOS, Bento Silva. *Teologia do Evangelho de São João*, pp. 177-180.

Entretanto, o termo mundo torna-se mais comum em João para significar aqueles que rejeitam a luz, uma vez que os que a aceitam estão, na maior parte, dentro da comunidade Joanina. Daí a insistência de Jesus: “Sou a luz do mundo”, possivelmente com o intuito de libertar o cego das trevas em que se encontrava, mas também, os discípulos e os fariseus. Aqui o mundo é a humanidade necessitada da luz da salvação.¹¹⁸

No pensamento antigo κόσμος era um conjunto de forças em conflito; conforme o relato da criação (Gn 1,1-2). A representação bíblica das origens do mundo não se situa mais no plano do mito, pelo contrário, ela dá início ao tempo. É que entre Deus e o mundo vai um abismo, expresso pelo verbo criar (Gn 1,1). Se o Gênesis evoca a atividade criadora de Deus, é somente para acentuar este ponto fundamental da fé: dependência do mundo em relação ao Deus soberano, que fala e as coisas são (Sl 33,6-9).¹¹⁹ O termo κόσμος em grego é usado para designar o mundo. Aparece no Antigo Testamento somente nos livros gregos mais tardios, e seu uso demonstra a influência grega. Deus fez o mundo (Sb 9,9), ele é o seu criador (2Mc 7,23). É usado também para indicar não o universo, mas a terra: o homem é criado para governar o mundo (Sb 9,3). O mundo significa a humanidade: Adão é o primeiro homem plasmado como pai do mundo (Sb 10,1).¹²⁰

João usa muitas vezes a expressão “este mundo”.¹²¹ Neste sentido, o termo é sempre negativo. Indica um tempo-espaço que é dominado pelo chefe deste mundo e destinado à perdição. Segundo Brown, há uma identidade virtual em João entre o mundo e os “judeus”. Muitas vezes Jesus tem uma atitude semelhante para com ambos, isto é, se o príncipe deste mundo é Satanás, o pai dos “judeus” é o diabo (Jo 8,44). Se o mundo odeia Jesus, os “judeus” procuram matá-lo.

¹¹⁸ Cf. BROWN, Raymond E. *A Comunidade do Discípulo Amado*, p. 65. “Assim ouvimos que a vinda de Jesus é um julgamento do mundo Jo 9,39; 12,31, que é habitado por filhos das trevas Jo 12,35-36; porque o mundo é incompatível com Jesus Jo 16,20; 17,14.16; 18,36 e com seu Espírito Jo 14,17;16,8-11. Numa palavra, o mundo odeia Jesus e os que nele crêem 7,7; 15,18-19; 16,20. Jesus se recusa a orar pelo mundo Jo 16,20 e expulsa o príncipe satânico deste mundo Jo 12,31; 14,30.

¹¹⁹ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. “Mundo”, *Vocabulário de Teologia Bíblica*, p. 630.

¹²⁰ Cf. MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*, p. 635.

¹²¹ Cf. BROWN, Raymond E. *A Comunidade do Discípulo Amado*, p. 62. Referências benevolentes incluem Jo 2,23.33; 9,39; 11,9; 12,25; 13,1;16,11; 18,36.36. O fato de João deixar estas referências benevolentes ao lado de muitas outras hostis é outro exemplo do fato de que a comunidade não apaga o seu passado.

Contudo, mundo tem um conceito mais amplo. Inclui “judeu” e gentio sem distinção.¹²²

Mundo não são somente os “judeus”. Mundo é também Pilatos, o governador romano que afirma não ser “judeu” (Jo 18,33-38). Mundo são também os gregos que procuram Jesus, depois que os fariseus apontaram: “o mundo inteiro se põe a segui-lo” (Jo 12,19-20). O mundo, concretamente, é qualquer pessoa e qualquer setor da humanidade ao qual Jesus é enviado como revelador do Pai, luz do mundo (Jo 12,46-47). Cada pessoa e cada setor da humanidade é também capaz de se fechar em si mesmo e assim se identificar com este mundo, que Jesus deixa (Jo 13,1) para voltar à glória que ele possui junto do Pai, e que é mais antiga e valiosa que este mundo, a glória que possuía antes que houvesse mundo (Jo 17,5; cf. Jo 17,24). Quem assim se fecha é como os “judeus” aos quais declara: “Vós não sois deste mundo” (Jo 8,23). Assim na primeira Carta de João, o mundo vizinho já não são os “judeus”, mas a sociedade helenista, e é possível que em certos textos do Evangelho a atitude de rejeição (ódio) apontada no ambiente imediato dos discípulos esteja evocando, de fato, a sociedade em geral, compare 1Jo 3,13 com Jo 15,18 e Jo 16,4.¹²³ Como se vê, o “mundo” é em certo sentido, uma potência maléfica que se identifica - enquanto manifesta a recusa deliberada do Enviado de Deus - com o próprio demônio (1Jo 4,4). Não é de estranhar que o próprio demônio seja chamado por João “príncipe do mundo” (Jo 12,31; Jo 16,11). Enquanto o demônio age no mundo, Jesus é aquele que vence o mundo e vem trazer a salvação-libertação para todos os que aderem à sua presença libertadora. Embora o mundo tenha preferido as trevas à luz, Jesus não veio para julgá-lo e sim para salvar o mundo (Jo 3,16-19).

Na luz-vida que chega ao mundo estão presentes o projeto de Deus e sua Palavra criadora, seu ideal para o homem e sua interpelação ao mundo/humanidade. Contudo, contradizendo ao desejo de vida implantado nela, a humanidade não reconheceu o projeto divino, nem fez caso de sua interpelação. Ainda que lhe fosse conatural, a rechaçou e com isso, rechaçou a vida. Vivia em regime de morte, dominada pela treva, e se negou a responder ao ideal de plenitude humana a que estava destinada pela própria criação.

¹²² Cf. BROWN, Raymond E. *A Comunidade do Discípulo Amado*, p. 64.

¹²³ Cf. KONINGS, Johan. “No Mundo, não no Mundo” *Meditação sobre João e a Cultura*, in: *Estudos Bíblicos*, p. 69.

A frase “o mundo não a reconheceu”, referindo-se à luz e que descreve a rejeição voluntária do projeto de Deus sobre o ser humano, anuncia o pecado do mundo, que vai ser tirado pelo Cordeiro de Deus (Jo 1,29). A humanidade é dominada pelo pecado, por aceitar um regime de opressão. Nega-se a se deixar iluminar pela luz-vida, a deixar-se interpelar pela Palavra.¹²⁴

No Novo Testamento κόσμος é um termo cosmológico e teológico. O uso teológico é mais comum, mas os dois significados às vezes se confundem. Deus é o criador do κόσμος (At 17,24). Este foi feito por meio da Palavra (Jo 1,10). O κόσμος pertence aos cristãos (1Cor 3,22). O mundo é a humanidade, o mundo do qual os discípulos são a luz (Mt 5,14). O mundo como lugar da morada do homem ou como humanidade, todavia, é conhecido mais freqüentemente em conexão com o mundo em sentido teológico.¹²⁵

O mundo em sentido teológico é o mundo como cenário do processo da salvação. Ele não é somente o cenário, mas é um dos protagonistas do drama, pois o mundo é a humanidade decaída, alienada de Deus e hostil a Deus e a Jesus Cristo. Esta concepção é freqüentíssima nos escritos Paulinos e em João. O mundo está em oposição a Deus. Foram os príncipes deste mundo que crucificaram Cristo (1Cor 2,8), “príncipes do mundo” não no sentido de governantes imperialistas, mas no sentido de governantes cujo poder está no mundo e deriva do mundo.¹²⁶

Em João o mundo é posto em maior evidência e a oposição entre Deus, Cristo e o mundo é mais acentuada. O objetivo da salvação de Deus é o mundo e a missão do Filho é para o mundo. Ele é a luz do mundo.¹²⁷ O Verbo vem ao mundo com uma missão. Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, cuja missão não é condenar, mas salvar (Jo 3,16). Jesus dá a vida pelo mundo (Jo 6,33).

¹²⁴ Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*, p. 52. “Não existe zona neutra entre a luz e a treva. A humanidade está submersa neste mundo e tem que sair desta zona neutra, para passar à zona da luz. Como estar na treva significa carecer de vida, viver em regime de morte, a passagem para a luz-vida equivale a nascer de novo Jo 3,3: se alguém não nasce de novo não pode vislumbrar o Reino de Deus; a uma ressurreição Jo 5,25: os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a escutarem terão a vida”.

¹²⁵ Cf. McKENZIE, John L. “Mundo”, *Dicionário Bíblico*, p. 638.

¹²⁶ Cf. KONINGS, Johan. “No Mundo, não do Mundo”. *Meditação sobre João e a Cultura*, in: *Estudos Bíblicos*, fasc. 61. pp. 67-78.

¹²⁷ Cf. Jo 1,9; 3,19; 8,12; 9,5; 12,46.

Mas, a humanidade pecadora à qual vem esta missão de salvação, não recebe a missão nem o enviado. É neste aspecto que em João o “mundo” toma uma forma de antideus, de uma realidade constante, que não é salva nem capaz de salvação. O trágico está em que por nascença pertencemos a este mundo. Mas, Jesus resgata a humanidade sofredora. Ele, em quem todas as coisas haviam sido criadas (Cl 1,16), foi estabelecido por sua ressurreição, chefe e cabeça da nova criação. Nesse mundo novo a vida e a luz circulam agora em abundância: são dadas a todos que têm fé.¹²⁸

Os discípulos não são do mundo, como também Jesus não é do mundo (Jo 15,19). Por isso é que o mundo o odeia (Jo 15,18), tanto mais que ele é a sua luz (Jo 9,5), que lhe traz a vida (Jo 6,33) que vem para salvá-lo. Os cristãos, como Jesus, estão no mundo e em relação ao mundo têm a missão de ser luz. Esta metáfora define, pois, a missão do Messias, por referência à missão libertadora do servo de Deus segundo as duas passagens de Isaías (Is 42,6ss; Is 49,6ss). O servo é a luz das nações. Cristo dá luz aos cegos (Jo 9,5) e liberdade aos cativos (Gl 5,1).¹²⁹ Pois, o cativo é perda da liberdade e da luz.¹³⁰

A história do cego de nascença deixa claro que todo ser humano necessita do dom da visão, da luz, de Jesus (Jo 9,4-5.39.41). Se a percepção desta necessidade é pressuposta pelo dom, então vemos que a revelação se apresenta como um ataque a todos aqueles que não reconhecem esta necessidade da salvação trazida por Cristo, luz da vida. Para ter acesso à vida plena e indestrutível, o homem precisa compreender a si mesmo à luz da revelação. Quando se encontra Jesus, ninguém pode permanecer na neutralidade, pois sua vinda ao mundo é a intimação da luz, da exigência de conversão e do juízo divino. Quem o acolhe como lugar onde se faz a experiência do amor de Deus pode compreender que a Encarnação (Jo 1,14) constitui a ação mais fundamental da iniciativa divina que assume a miséria humana e a salva mediante um amor totalmente gratuito.¹³¹

¹²⁸ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. *Vocabulário de Teologia Bíblica*, p. 633.

¹²⁹ Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*, p. 410.

¹³⁰ Cf. SCHOKEL, L. Alonso & DIAZ, J. L. Sicre. *Profetas I*, p. 296.

¹³¹ Cf. BENTO, Santos Silva. *Teologia do Evangelho de São João*, pp. 368-380.

4.7. Iniciativa e atuação recriadora de Jesus

O cego é morto em vida, assim como o inválido, enfermo quase durante toda a sua vida (Jo 5,5), o cego nunca conhecera a luz/vida. Nele vai se demonstrar o que Deus faz com os que nasceram e continuam privados de sua condição humana. Juan Mateus¹³² afirma que o dito de Jesus: “Enquanto estou no mundo sou a luz do mundo”¹³³ está em continuidade com Jo 8,12: “Eu sou a luz do mundo”. Como naquela passagem, esta expressão define a missão de Jesus por referência à missão libertadora do servo de Deus segundo Isaías, como luz das nações que vem abrir os olhos dos cegos (Is 42,6; 49,6). Configura-se nestes textos a **libertação** da **opressão** trazida por Jesus que é a **vida**.

Só o Deus que criou para a plenitude de vida, da verdade e do amor pode satisfazer os desejos que ele semeou no coração da humanidade. Ele nos foi revelado por Jesus Cristo, seu Filho único. Ele é a vida que Deus dá, a luz que a tudo e todos ilumina. O Verbo que se fez carne é o lugar hermenêutico da revelação de Deus. Ele revelou a origem e o destino do ser humano. Escreve santo Hipólito de Roma: “Esse Verbo o Pai o enviou no fim dos tempos. Não o queria mais pronunciado por um profeta nem subentendido através de uma pregação obscura, mas ordenou que se manifestasse de forma visível para que, ao vê-lo, o mundo fosse salvo”.¹³⁴

Na ação da cura, realizada por Jesus, o barro alude ao ato criador do divino que se debruça sobre o ser humano. Fazer barro com a saliva significa a criação do **homem novo**, simbolismo do sexto dia composto da terra/carne e da saliva/Espírito de Jesus. O barro modelado com o Espírito é o projeto de Deus realizado que é liberdade e vida, cujo modelo é o próprio Jesus. No ano de 1982, Michel Gourgues O. P.,¹³⁵ escreve um artigo salientando a ação de Jesus na cura do cego. Segundo este autor “a ação desencadeia uma série de reações que se deslancham e tomam o aspecto de um processo”. Este processo consiste em duas interpretações do milagre e em duas tomadas de posição, opostas ao olhar do autor

¹³² Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*, p. 315.

¹³³ Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*, pp. 409. “Em Jo 8,12, a frase com artigo, a luz, definia Jesus e fundava o convite a segui-lo. Nesta passagem Jo 9,5 a frase sem o artigo luz, descreve sua atividade iluminadora”.

¹³⁴ Citado por BARREIRO, Álvaro. *Vimos a sua Glória*, p. 61.

¹³⁵ Cf. GOURGES, Michel O. P. *L'aveugle-né João 9* in: *Nouvelle Revue Theologique*, pp. 381-395.

do Evangelho. O processo se afirma progressivamente, designando assim dois encaminhamentos em sentido inverso: o cego de nascença se engaja sempre mais a favor de Jesus, enquanto que os fariseus se endurecem e se colocam cada vez mais contra ele. Deste modo o cego encontra, primeiramente a vista física, para, em seguida, aceitar a luz da fé, enquanto que os fariseus são declarados cegos.¹³⁶

De acordo com Gn 1,26-31, Deus criou a humanidade no sexto dia. No Evangelho de João, o primeiro sinal, também aconteceu no sexto dia.¹³⁷ Portanto, o sinal realizado em Caná da Galiléia por Jesus (Jo 2,1-11), mostra o surgimento da nova humanidade, ou seja, o grupo daqueles que aderem a Jesus pela fé. Todos os outros sinais que Jesus realizará no Evangelho de João acontecem dentro deste sexto dia. Isto mostra que sua ação apresenta a nova criação que o Pai realiza por meio de Jesus. De fato, Jesus continuará trabalhando sempre (Jo 5,17), refazendo a criação.¹³⁸ Deste modo, Jesus em sua atividade é coerente com o tema da criação do ser humano, dando uma chave de interpretação de toda a sua atividade subsequente, que consistirá em realizar o desígnio salvador de Deus, terminando a criação do homem. Assim como na primeira criação, o homem ficou terminado com a infusão do sopro vital (Gn 2,7), assim também a obra de Jesus em cada indivíduo é levada a termo com a infusão do Espírito (Jo 20,22). Jesus inaugura o novo período da vida da humanidade, que se identifica com a era messiânica (Jo1,17).¹³⁹

Ταῦτα εἰπὼν, Jesus toma a iniciativa do milagre. Além de mostrar uma característica da narração dos σημεῖα, cuja iniciativa de Jesus é comum no Evangelho de João, este encadeamento com o início no v. 1, ou seja, provavelmente, na busca de articular o núcleo histórico da narrativa do milagre,

¹³⁶ Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*, p. 410.

¹³⁷ Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. “Dia”. *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*. p. 57-58. “Ao terceiro dia - com esta expressão, o autor do quarto Evangelho, abre o episódio de Caná, completando assim, a sucessão dia a dia começada em Jo 1,29. João cria uma seqüência cronológica com o objetivo de datar o episódio de Caná. No primeiro dia: Jo 1, 19-28; segundo dia: Jo 1,29-34; terceiro dia: Jo 1,35-42; no quarto dia, Jesus sai para a Galiléia, chama Felipe e se verifica o encontro com Natanael Jo 1,43-51. “A datação seguinte é a que tem início o episódio de Cana: no terceiro dia, a partir do quarto Jo 1,43. Segundo o modo de falar daquele tempo, ‘no terceiro dia’ significa dois dias depois. O dia, em que ocorre o episódio de Caná é, portanto, na sucessão criada pelo evangelista, o sexto dia.”

¹³⁸ Cf. BORTOLLINI, José. *Como ler o Evangelho de João*, pp.32-33.

¹³⁹ Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. “Criação”, *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*, pp. 43-50.

segundo alguns autores, Boismard¹⁴⁰ e Meier,¹⁴¹ juntando gestos e Palavras na ação recriadora do ser humano, Jesus mais uma vez, manifesta a sua íntima relação com o modo de ser do Pai, no Antigo Testamento. Da Palavra, ou Verbo, preexistente, João diz que a vida, que é a luz dos homens, está no Verbo. João parece combinar e reunir os temas da criação e da salvação.¹⁴²

A mesma Palavra ou Verbo que é um princípio criador da vida confere igualmente a vida mediante a luz que ela traz, a luz da salvação. “Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens” (Jo 1,4). A salvação nos é dada por pura gratuidade. Deus, no Filho Jesus vem ao encontro dos pequenos e sofredores, se debruça sobre a criatura, necessitada de sua presença libertadora. A graça,¹⁴³ a fonte de luz e vida se aproxima, toca com o barro aquele, que não por culpa sua, nem de seus pais, mas pela atuação das trevas no κόσμος, pois, nascer cego era não conhecer a luz, a realidade e a verdade. E esta situação de dependência, penumbra da vida, se estende desde o nascimento até a sua morte. Envolvido por esta situação de trevas, o cego ainda não sabe o que é a verdadeira condição humana, o objetivo para o qual Deus o criou, o que é fazer a experiência do encontro com a vida, ou seja, estar de pé, em posição de igualdade com os outros homens. A proximidade com o Deus da vida o impulsiona a caminhar ao encontro de sua verdadeira identidade de filho de Deus muito amado.¹⁴⁴

Pois bem, o autor não nos diz se os discípulos permanecem na cena. Mas é provável que eles passem a ser os espectadores, enquanto que a atenção de Jesus, neste momento, permanece fixa no que é bom, conforme o primeiro ato criador,

¹⁴⁰ Cf. BOISMARD, M. E. & LAMOUILLE, A. *l'Évangile de Jean. III - Synopse des Quatre Évangiles en Français*, p. 145.

¹⁴¹ Cf. MEIER, John P. *Um Judeu Marginal - Repensando o Jesus Histórico*, pp. 45.

¹⁴² Cf. MOINGT, Joseph. *Création et Salut*, pp. 496-595.

¹⁴³ Cf. CRISÓSTOMO, Juan. *Homilias sobre El Evangelio de San Juan*, p. 127. “Se a fonte de luz e vida que é Jesus, vem a este mundo e ilumina a todos, como é que nem todos são iluminados? É verdade que nem todos reconhecem o culto a Cristo. Então, como ele ilumina a todos os homens? Ilumina-o à medida que está com ele. Porém se alguém, por própria vontade, cerrando os olhos da mente, não quer receber os raios dessa luz, não é culpa da natureza da luz que este permaneça nas trevas, senão produto da maldade de quantos se privam desse dom. A graça tem sido derramada sobre todos: não se exclui nem o judeu nem o grego nem o bárbaro nem homem livre nem o escravo nem o ancião nem o jovem. A todos por igual, se admite gozar de seus benefícios. Quem não quer desfrutar deste presente, deve imputar-se a si mesmos sua cegueira. Estando aberto o caminho que conduz a tal honra e não fechado a ninguém, se esses, por sua livre vontade, ficam excluídos, se perdem somente por sua culpa”.

¹⁴⁴ Cf. Citado por BLANK, Josef. *O Evangelho Segundo João*, pp. 192-193. “Também segundo Bultmann a narração Joânica dos sinais não se baseia na tradição dos sinóticos, mas ‘comenta independentemente o motivo apresentado’. A diferença, segundo Bultmann está, sobretudo na discussão anexa, bem como no fato de que Jesus toma a iniciativa do milagre, o que é comum nas narrações Joânicas de milagres”.

Pai de todas as criaturas. É sobre o que é bom, o mais precioso aos olhos de Deus, entre todos os seres criados, ou seja, o ser humano,¹⁴⁵ mas em estado de fragilidade, limitado, necessitado do ser incomparável de Deus, luz e vida para a humanidade que Jesus passa à ação. Põe-se a trabalhar na recriação do cego de nascença e o recria, acrescentando aos gestos, Palavras. Palavra de vida. Conferindo-lhe assim, por seu imenso amor, o acabamento perfeito do ser humano, ou seja, a sua imagem e semelhança. Jesus apenas coloca diante dos olhos o projeto de Deus sobre o homem. Depois de sentir a proximidade da luz da vida, a decisão de obter a vista ficará em suas mãos. Jesus não lhe suprime a liberdade, ele terá que ir, por sua própria iniciativa lavar-se na piscina.¹⁴⁶

Embora em Gn 2,7 se diga que Deus o modelou do pó da terra,¹⁴⁷ argila do solo, em outras passagens do Antigo Testamento usa-se a palavra barro (Is 64,7).¹⁴⁸ “Lembra-te de que me fizeste de barro”; “E, no entanto, Iahweh, tu és o nosso Pai, nós somos a argila e tu és o nosso oleiro, todos nós somos obras das tuas mãos” (Jó 9,6).

Recorde-se que o sexto dia do Messias é o sexto dia, no qual o homem foi criado. No Evangelho de João o sexto dia começa com o casamento em Caná da Galiléia. A partir deste primeiro sinal realizado Jo 2,1-12, surge a nova humanidade, formada pelos que dão sua adesão a Jesus, pela fé.¹⁴⁹

Ἐπτουσεν χαμαὶ καὶ ἐποίησεν πηλὸν ἐκ τοῦ πύσματος - o verbo ποιεῶ no sentido concreto, é algo que exige a presença da mão, da ação materializada.

¹⁴⁵ Cf. MAZZAROLO, Isidoro. *Gênesis 1-11 - E assim tudo começou*. pp. 62-63.

¹⁴⁶ Cf. MATEOS, Juan & BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*, pp. 104-114.

¹⁴⁷ Cf. ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *Deus Criou as Coisas do Nada*, in: Revista Teocomunicação, pp. 3-11.

¹⁴⁸ Cf. LÉON-DUFOUR Xavier. *Lectura Del Evangelio de Juan I*, p. 324. “Em geral os estudiosos são unânimes em dizer que a ‘lama’ ou o ‘barro’ serve para encenar a ruptura do sábado que será denunciada pelos fariseus Jo 9,15 conforme Jo 9,24; o gesto, no entanto, mencionado quatro vezes ao longo do relato Jo 9,6.11.14.15, permanece espantoso, não apenas porque todos os outros milagres de Jesus são produzidos apenas mediante a Palavra, mas porque aplicar barro aos olhos de um cego consiste simbolicamente, em reforçar a enfermidade; é, como diz Lagrange, ‘cegueira sobre cegueira’. A explicação relativa à ruptura do sábado dificilmente pode esgotar o sentido do gesto. Desde o século II, Irineu propôs uma compreensão simbólica: aproximando-se do ato pelo qual Deus formou o homem segundo o Gênesis, o gesto de Jesus significaria o término da primeira criação, em vista do ser perfeito que é o homem que crê”.

¹⁴⁹ Cf. BORTOLINI, José. *Como Ler o Evangelho de João*, pp. 12-15. Em João 2,11 - “Todos os outros ‘sinais’ acontecem dentro de um ‘sexto dia’ simbólico. Por quê? O objetivo do Evangelho de João é muito claro. De acordo com Gn,1, a criação aconteceu no espaço de uma semana. No sexto dia Deus criou a humanidade à sua imagem e semelhança Gn 1,26-27”.

Fazer significa envolver-se diretamente com a obra, com a transformação de algo, usando a inteligência, a vontade e a tecnologia disponível.¹⁵⁰

O simbolismo do barro nos remete ao primeiro relato da criação¹⁵¹ no qual o ser humano é moldado por Deus do barro e nele sopra o espírito de vida (Gn 2,4b-45). Jesus fez o barro com sua saliva. Pode-se imaginar que é bem possível que Jesus tenha se debruçado sobre a terra e após amassar o barro com suas mãos, o toma com ternura, a fim de ungir os olhos do cego. Há um elemento preexistente, a terra, cuspiu na terra, e um elemento pessoal seu, a saliva. A saliva era considerada como um elemento curativo dentro de muitas culturas, transmissora de força ou energia vital para a pessoa. Aqui, a saliva faz as vezes da água necessária para fazer o barro, resultado da mistura de ambos os elementos. Percebe-se a intenção do evangelista: fazer barro com a saliva ressalta, aponta para a recriação do cego de nascença, ou, o homem novo que se levantará após o gesto recriador, simbolismo do sexto dia, composto da terra/carne e da saliva/Espírito de Jesus.¹⁵²

Em seguida como verdadeiro mestre, um sábio artesão, Jesus com o barro, toca a ausência da vida: καὶ ἐπέχρισεν αὐτοῦ τὸν πέλρον τοὺς ὀφθαλμοὺς. A unção¹⁵³ com o barro está intimamente relacionada ao Messias, termo vindo do hebraico, Ungido. Essa designação, se tornou no tempo apostólico,¹⁵⁴ o nome próprio de Jesus, e assumiu o conteúdo dos outros títulos por ele reivindicados. A messianidade de Jesus constitui objeto de explícitos atos de fé, por parte dos discípulos (Jo 1,41; Jo 1,45.49) e também por Marta, no momento em que ele se revela como a ressurreição e a vida (Jo 11,27). Depois da confissão de Pedro, a fé mais autêntica, mas imperfeita, pois o título de Messias ainda corre o perigo de ser entendido numa perspectiva de realeza temporal (Jo 6,15), Jesus assume uma atitude de reserva no que se refere ao Messias. Salvo em (Jo 4,25) expresso na fé

¹⁵⁰ Cf. MAZZAROLO, Isidoro. *O Evangelho de Marcos*, p. 11.

¹⁵¹ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. “Messias”, *Vocabulário de Teologia Bíblica*, pp. 578-583. “Num sentido amplo, a unção divina significava a consagração dos reis com vistas a uma missão referente ao desígnio de Deus a respeito de seu povo. O Antigo Testamento às vezes fala da unção divina, onde há simplesmente uma missão a cumprir”.

¹⁵² Cf. MATEUS, Juan & BARRETO Juan. “Espírito”, *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*, pp. 90-96.

¹⁵³ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. “Messias”, *Vocabulário de Teologia Bíblica*, pp. 578-583. “Num sentido amplo - a unção divina significava a consagração dos reis com vistas a uma missão referente ao desígnio de Deus a respeito de seu povo. O Antigo Testamento às vezes fala da unção divina, onde há simplesmente uma missão a cumprir”.

¹⁵⁴ Cf. Jo 12,1-11 - Unção em Betânia - texto tardio, posterior à redação final do Evangelho.

da samaritana, ele jamais se dá a Si próprio o título de Messias.¹⁵⁵ Pois a sua missão de cumprir o desígnio de Deus em relação ao povo como Messias começará com a de Servo sofredor. O Filho do Homem entrará na sua glória pelo sacrifício de sua vida. No livro de Isaías, a missão do Servo se descrevia como a de um profeta perseguido.¹⁵⁶ De fato, a única unção reivindicada por Jesus é a unção profética do Espírito (Lc 4,16-22) paralelo a Is 1,45.49.

O barro modelado com o Espírito, ou seja, com a saliva, é o projeto de Deus realizado. É a nova criação, cujo modelo é o próprio Jesus, a sua humanidade cheia da glória amor de Deus: mas esta glória pertence à ordem da nova criação. A glória temporal dos antigos ungidos de Iahweh era apenas uma longínqua figura. Esta nova humanidade cheia de glória é o que Jesus põe diante dos olhos daquele que nunca viu e não sabe o que é o ser humano iluminado, em sua dignidade. Na ação recriadora, Jesus coloca perante os olhos do cego o homem ungido pelo Espírito. Ao mesmo tempo, ele, como Ungido por excelência, realiza a sua obra ungindo o homem. Ao ungir-lhe os olhos convida-o a ser homem acabado, ungido e filho de Deus pela comunicação do Espírito.¹⁵⁷

4.8. Lavar-se para ver

A imagem da água aparece freqüentemente no quarto Evangelho. Inicialmente, ela está associada ao batismo e à purificação do crente. João Batista proclama: Eu batizo com água, mas há um outro que batizará no Espírito Santo (Jo 1,26.31.33). O rito batismal de João visa a purificação de todo o povo, que fora prometida pelos profetas para os últimos tempos. É um batismo escatológico, cujos efeitos, são a penitência e o perdão. Aqui se trata do rito de iniciação do movimento batista. Este movimento religioso prepara a revelação de Jesus-Messias.¹⁵⁸

Como os grandes símbolos cósmicos, a água pode ter duplo valor. Além de representar o elemento vital sem o qual o homem morre de sede, a água evoca

¹⁵⁵ Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*, p. 48.

¹⁵⁶ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. “Servo”, *Vocabulário de Teologia Bíblica*, pp. 578-583.

¹⁵⁷ Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. *Evangelho de São João*, p. 411.

¹⁵⁸ Cf. SANTOS, Bento Silva. *Teologia do Evangelho de São João*, p. 374.

também as forças da destruição, as águas caudalosas, as águas da morte.¹⁵⁹ Pregando contra a apostasia de Israel, o profeta Jeremias (Jr 2,13) opõe Iahweh, como fonte de água viva, às cisternas rotas, aos falsos deuses. O salmista expressa sua sede do Deus vivo fazendo uso do simbolismo aquático: “Como a corça suspira por águas correntes, assim minha alma suspira por ti, ó meu Deus!” (Sl 42,2-3; Sl 63,2). Aquele que pertence a Iahweh é semelhante ao rebanho que é conduzido para águas tranqüilas (Sl 32,2) ou à árvore plantada junto d’água corrente (Sl 1,3). No Tempo da salvação Israel será “como um jardim regado, como uma fonte borbulhante cujas águas nunca faltam” (Is 58,11).

Segundo Dt 32,2 a água significa a palavra de Moisés. Ela se torna o símbolo da “*Torah*”. Particularmente significativo é Eclo 24, onde o autor identifica a sabedoria criadora com a Lei de Moisés (Eclo 24,23; Br 4,1) e compara os benefícios desta com os rios paradisíacos (Eclo 24,25-27). A Sabedoria se apresenta como um canal do qual procede a instrução e que regará as gerações futuras (Eclo 24,33). Assim constata-se uma aproximação entre Sabedoria, Lei e Espírito.¹⁶⁰

Os textos de Qumran, publicados a partir de 1948, utilizam não poucas vezes o símbolo da água. Hoje sabemos através da arqueologia que em Qumran existiam banhos rituais, que no período mais antigo da comunidade serviam provavelmente como ritos de purificação.¹⁶¹ Em sua vida litúrgica insistia-se bastante na necessidade de viver em estado perfeito de pureza ritual. Todo membro da comunidade devia banhar-se diariamente antes da refeição. Na regra da comunidade falava-se de ritos de ablução em conexão com a conversão e a recepção do Espírito. As purificações rituais seriam inválidas se não houvesse disposições interiores sinceras.¹⁶²

¹⁵⁹ Cf. Ex 47,1-12; Ap 22,1-7; Jo 1,37ss. Vida. Ez 16,4-9; 36,24-27; Mt 13,11; 1Cor 6,11. Águas purificadoras. Gn 6-8; Jo 12,15; 40,23; Êx 26,19ss; Ap 12,15. Águas terríficas.

¹⁶⁰ Cf. Is 32,15 o profeta fala sobre o anúncio do dom do Espírito com o emprego de verbos concernentes à efusão ou à aspersão da água. Segundo Ez 36,25ss a aspersão da água pura constitui o prelúdio ao dom do Espírito divino para a transformação dos corações: Ver também Ez 39,29; Jl 3,1; Zc12,10.

¹⁶¹ Cf. NEWTON M. *The Concept of Purity at Qumran and in the Letters of Paul*, pp. 10-52. Costuma-se distinguir dois períodos na história de Qumran: O primeiro período antecedente ao terremoto, de 31 até 4 a. C., após o qual Qumran foi abandonada. O segundo período vai do terremoto até a destruição de Qumran em 68-70 d.C. Do primeiro período temos os Hinos de Qumran que falam do batismo ou, mais precisamente, de ritos de purificação com a água. Sobre a relação desses banhos rituais com o ingresso na comunidade ou com a prática da purificação comum em todo o helenismo.

¹⁶² Cf. SANTOS, Bento Silva. *Teologia do Evangelho de São João*, p. 375.

No Evangelho de João a água é mencionada no diálogo de Jesus com Nicodemos (Jo 3,5) e justaposta ao Espírito no contexto do novo nascimento dos filhos de Deus. Neste contexto Jesus explica ao seu interlocutor que, para entrar no reino de Deus, é preciso renascer da água e do Espírito. Este nascimento pela água é uma alusão clara ao batismo. Para a tradição cristã, a água batismal representa o banho purificador (Ef 5,26), o meio para obter a salvação. João 4 apresenta os temas da água e do Espírito sob uma outra forma. A água do poço de Jacó (Jo 4,4-6) dá lugar a considerações sobre a água viva (Jo 4,7-15), símbolo de uma nova vida ou do Espírito, que Jesus, Messias e profeta pode dar (Jo 4,16-26). O diálogo de Jesus com a Samaritana ocorre junto ao poço de Jacó em uma região cheia de recordação patriarcal: Deus é o doador do poço no deserto, e a água deste poço se apresenta como uma fonte borbulhante. Estes dois aspectos, dom e fonte, estão subjacentes à temática Joanina. Jesus diz à Samaritana: “Se conhecesses o dom de Deus” (Jo 4,10) e fala de fonte borbulhante (Jo 4,14). O evangelista emprega o vocábulo fonte,¹⁶³ para aludir ao milagre atribuído a Jacó.¹⁶⁴

Levando em conta esta tradição, o evangelista se serve da linguagem simbólica. A água do fundo do poço é uma água viva. A água prometida por Jesus em Jo 4,13 é apresentada como dom futuro, ao passo que em Jo 4,10 ela é um dom presente. Qual é este dom futuro da água? O contexto Joanino nos leva a ver na água viva uma revelação feita aos pais. É precisamente o que sugerem os dizeres à Samaritana no final do diálogo: “O Messias nos revelará todas as coisas” (Jo 4,25). É de notar, porém, que os textos bíblicos utilizam a imagem da água para designar o Espírito prometido por Deus. Segundo o simbolismo bíblico tradicional (Ez 36,2.27; Jr 31,33), a água viva não é a revelação, mas o Espírito Santo em sua função purificadora. É neste sentido que o próprio evangelista interpreta a promessa de Jesus sobre os rios de água viva em (Jo 7,37): “Ele falava do Espírito que deviam receber aqueles que tinham acreditado nele”. Esta interpretação pode ser dada a (Jo 4,7-15)? Ambos os textos se colocam numa perspectiva diversa. Seria certamente impossível pensar que o dom da água viva (Jo 4,10) designasse o Espírito Santo. Para um melhor esclarecimento desta

¹⁶³ Cf. Gn 24,11.20 - O termo poço é usado indistintamente como fonte em Gn 24,13.16.29.30.42.43.45, como aqui também em Jo 4,11ss; Jo 4,6.14.

¹⁶⁴ Citado por SANTOS, Bento Silva. *Teologia do Evangelho de São João*, p. 378. Segundo o Targum palestinese, cinco prodígios foram realizados por Jacó: “Quinto prodígio: quando o nosso pai Jacó levantou a pedra da boca do poço, a fonte transbordou e a (água) saiu na superfície e continuou a transbordar por vinte anos, todo o tempo em que habitou em Harã”.

passagem, convém distinguir dois tempos da revelação em sua leitura simbólica.¹⁶⁵ No primeiro tempo, antes da Páscoa, a água viva designa propriamente a revelação dada por Jesus (Jo 4,26).

A revelação completa e definitiva de Deus não se encontra na “*Torah*”, simbolizada pela água da Sabedoria e pelo poço de Jacó, mas é constituída pela pessoa do Filho unigênito do Pai. No segundo tempo pascal, trata-se da água que Jesus dará depois de sua glorificação. É o tempo onde sua revelação pré-pascal será plenamente compreendida e atualizada pelo Espírito.¹⁶⁶ Nesta segunda perspectiva, aberta aos tempos do Espírito, o dom da água viva prometido por Jesus se identifica com o Espírito Santo, anunciado diretamente em Jo 7,37-39. Portanto, a água viva designa, em um primeiro momento, a Palavra da revelação que Jesus dirige à Samaritana. Em um segundo momento, alargando o horizonte para os tempos messiânicos que começa com sua Encarnação, ele deixa entrever que sua Palavra de vida deve ser interiorizada para produzir seus frutos: eis a obra do Espírito.¹⁶⁷

Deus o criador-salvador e fonte da vida, no seu modo de ser, também toma sob a sua proteção a vida. É descrito como o manancial de águas vivas, Aquele que dá vida aos que o buscam e praticam a sua justiça. Mesmo depois do acesso proibido, com seus próprios meios, à árvore da vida,¹⁶⁸ não desiste do ser humano.¹⁶⁹ Cumpre a promessa de vida e enquanto espera proporcionar-lhe pela morte do seu Filho, propõe a seu povo os caminhos da vida. Pois a vida e a morte, a felicidade e a desgraça dependem da opção histórica que o povo faz entre Iahweh, o Deus da liberdade e da vida, e os ídolos, que produzem escravidão e morte. O Deuteronômio termina com este apelo forte: “Escolha a vida... amando a

¹⁶⁵ Cf. POTTERIE, I. de la. *La vérité dans Saint Jean*. pp. 693-695.

¹⁶⁶ Cf. FRANCK, E. *Revelation Thought. The Paraclete in the Gospel of John*, pp. 41-51. O que deixa entrever Jo 14,25-26 quando caracteriza os verbos (ensinar) e (recordar): “o Espírito Paráclito permitirá a interiorização da revelação pré-pascal de Jesus mediante um influxo constante e progressivo. Trata-se de uma lembrança criadora, por meio da qual o Espírito torna presente o mistério de Cristo em consonância com a totalidade da História da Salvação”. Para análise dos verbos ensinar e recordar cf. FRANCK, E., na mesma obra pp. 41-51.

¹⁶⁷ Cf. SANTOS, Bento Silva. *Teologia do Evangelho de São João*. pp. 373-376.

¹⁶⁸ Cf. MESTERS, Carlos. *Paraíso Terrestre - Saudade ou Esperança?*, p. 48.

¹⁶⁹ Cf. COENEN, Lothar & BROWN, Colin. “Vida”, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, pp. 2646-2647. “A declaração mais impressionante da piedade vetero-testamentária encontra-se no salmo 63,3: “A tua graça é melhor do que a vida”, que demonstra cabalmente quanto o conceito de vida no Antigo Testamento é vinculado à Iahweh, o Criador da vida”.

Iahweh seu Deus... porque ele é a sua vida e o prolongamento de seus dias”.¹⁷⁰ Jesus de Nazaré, que vem ao encontro do ser humano pelos caminhos da terra, é o manancial de água viva que sacia a sede de todos os desejos e de todas as buscas, é o caminho que se percorre para encontrar o que se busca, é a verdade a ser acolhida, a fim de responder às perguntas mais essenciais e mais existenciais.

Quer se saiba, quer não, as sedes, as buscas, as perguntas são expressões do desejo de encontrar o caminho que conduz à plenitude de verdade e de vida.¹⁷¹ Todas as luzes, as vozes, os gestos de todos os profetas, dos precursores e dos seguidores de Jesus, o Messias, apontam para a vida e para a luz, para a verdade e o caminho que o Verbo é e que o Verbo revelou.¹⁷² Assim, a idéia de Iahweh como fonte de água da vida, é ecoada no Novo Testamento, sendo Jesus o portador da água.¹⁷³ Observa-se que Jesus não diz: eu sou a água, ao contrário vai dizer: “Se alguém tem sede venha a mim e beba, aquele que crê em mim” conforme a Palavra da Escritura: “de seu seio jorrarão rios de água viva.” Jesus se revela como a água viva, que a sede profunda do ser humano deseja, **a sede de vida**, a vida em plenitude. Uma vida que já não é marcada pela sede que deve ser sempre saciada, mas uma sede, que a partir do seu interior a si mesma se sacia. O grande símbolo do Espírito em João é a água,¹⁷⁴ que mantém uma correspondência, quase equivalência com a ζοή. A atuação recriadora se realiza com gestos, entrelaçados às Palavras. É então que, após o gesto recriador, ele, a fonte de água-vida-luz, pela Palavra, pede a colaboração humana. Deste modo, Jesus põe o cego de nascença no caminho da vida que é ele mesmo simbolizado nas águas de Siloé, que segundo o próprio autor, significa o “Enviado”. Καὶ εἶπεν ὕπαγε εἰς τὴν κολυμβήθραν τοῦ Εἰλωάμ.

Jesus não pretende atribuir à água um poder mágico curativo. Talvez queira pôr à prova a fé do cego, como fez Eliseu com Naamã (2Rs 5,10-13). É importante a interpretação do nome de Siloé oferecida pelo evangelista (Jo 9,7). A forma hebraica é um particípio ativo (que manda) aludindo ao canal que alimenta o tanque. João ao invés interpreta o nome como se fosse um particípio passivo:

¹⁷⁰ Cf. Pr 2,19; Sl 16,11; Dt 30,15; Jr 21,8.

¹⁷¹ Cf. BARREIRO, Álvaro. *Vimos a sua Glória*, pp. 70-71.

¹⁷² Cf. BARREIRO, Álvaro. *Vimos a sua Glória*, p. 71.

¹⁷³ Cf. João 4,10; 7,37 e Ap 21,6.

¹⁷⁴ Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. *Dicionário Teológico do Evangelho de São João*, pp. 87-93.

enviado, aludindo ao Messias, o enviado do Pai. O significado é evidente: é o Cristo que cura.¹⁷⁵

Pois bem, com o envio do Filho, apareceu neste mundo da morte a vida 1Jo 1,2, ao mundo das trevas veio a luz (Jo 1,5; 3,19), e isso pelo fato de que o Filho de Deus veio ao mundo. É Jesus, que cronologicamente apareceu depois de João Batista e do qual vale, não obstante, que ele existia antes deste (Jo 1,15-30). Sim, é ele que afirma a respeito de Si mesmo, que já existia antes de Abraão (Jo 8,58). E afirma ainda que existia antes da fundação do mundo (Jo 17,5-24) e no qual a comunidade crê como no *ἀπ' ἀρχῆς* (1Jo 2,13ss). Nele a Palavra que no princípio estava com Deus se fez carne (Jo 1,14) e veio para sua propriedade, isto é, ao mundo como aquele do qual ele foi feito (Jo 1,9-11). Até que ponto pode tais afirmações, que falam de forma mitológica de Jesus, o preexistente Filho de Deus que se tornou homem, realmente ser entendidas no sentido mitológico? É significativo que o início da Primeira Epístola, cujo conteúdo quer dizer a mesma coisa que o prólogo do Evangelho, fala da vida que estava no começo junto ao Pai e que apareceu de modo audível, visível e palpável na realidade divina do além no espaço do mundo terreno. Jesus é o *Χριστὸς ὁ υἱὸς τοῦ Θεοῦ ὁ εἰς τὸν κόσμον ἐρχόμενος* - Cristo, o Filho de Deus, que veio ao mundo (Jo 11,17). Em tudo o que ele é, diz e faz, ele não deve ser entendido como uma figura deste mundo, e sim seu aparecimento neste mundo, deve ser compreendido como um ser-enviado. Ele é aquele que o Pai santificou e enviou a este mundo (Jo 10,36).¹⁷⁶

O caráter de sua vinda como o revelador da realidade divina no mundo é enfatizado pelo fato de que à sua vinda corresponde a sua partida. Por sua vinda, portanto, ele não se torna um fenômeno do mundo, uma figura da história mundial. Ele está aqui como um hóspede. Vem a hora em que deverá, despedir-se (Jo 13,1). Ele pode e irá partir de novo (Jo 8,14). Como aquele que é enviado ele não veio por vontade própria. Não vim por minha própria iniciativa, mas o Pai me enviou (Jo 8,42). Justamente isso os seus reconheceram e assim o confessa a fé (Jo 11,27), enquanto os “judeus” não sabem de onde ele vem (Jo 8,14) ou têm

¹⁷⁵ Cf. MAGGIONI, Bruno in RINALDO, Fabris. *Os Evangelhos II*, p. 381.

¹⁷⁶ Cf. BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*, pp. 460-464. “Assim Deus é chamado de: *ὁ πέμψας με πατήρ* - o Pai que me enviou - esta expressão aparece 6 vezes em Jo 10,36; Jo 5,36; Jo 6,29; Jo 11,42; Jo 17,8; Jo,17-25 ou simplesmente *ὁ πέμψας με* - aquele que me enviou. E assim a comunidade confessa: nós vimos e testemunhamos que o Pai enviou o Filho como salvador do mundo 1Jo 4,14”.

uma noção falsa a respeito (Jo 7,28) e os falsos mestres confessam que Jesus Cristo “veio na carne”.¹⁷⁷

Para a cultura judaica a vida era concebida como um todo integrado, não havendo as distinções, do pensamento grego, de corpo, alma, razão e nem entre a vida física, a vida intelectual e a vida espiritual. É usada para designar os seres humanos como seres vivos. Vida é aquilo que se move. É associada com a luz, com a alegria, com a plenitude, com a ordem e com o ser ativo¹⁷⁸ e se contrapõe com as trevas, com a tristeza, com a vaidade, com o caos e com o silêncio, que são características dos seres mortos e inanimados (Ecl 1,8; Sl 115,17). Pois bem, aquele que veio, enviado pelo Pai, pode dizer: “vá” ou, dizendo de uma outra maneira, é o próprio Jesus fonte de luz e vida que envia o cego à piscina. O verbo nos remete também a uma outra passagem do Evangelho “Vinde e vede” (Jo 1,37). Trata-se do relato da vocação dos primeiros discípulos que está todo emoldurado pelo ver e pelo olhar. O relato começa com o olhar contemplativo de João Batista que convida os dois discípulos que estavam com ele a olhar Jesus que passa Jo 1,35-36. Em seguida é descrito como os dois primeiros discípulos olham Jesus e o seguem Jo 1,37, e como Jesus, voltando o seu rosto para eles, toma a iniciativa do diálogo e os convida a segui-lo para **ver** onde e como ele vive. Os dois discípulos aceitaram o convite, foram com Jesus, viram onde morava e permaneceram com ele (Jo 1,38-39). Assim o Jesus dos Evangelhos não é conhecido de uma maneira puramente intelectual e teórica. O conhecimento de Jesus Cristo se adquire na convivência com ele, seguindo-o pelos caminhos que ele percorre. O seguimento de Jesus não é para espectadores, mas para atores dispostos a percorrer caminhos longos e desconhecidos. Da mesma forma a comunidade de Jesus é uma comunidade de videntes (1Jo 1,1-3). Ela começa a existir quando Jesus é visto, olhado e seguido; e quando Jesus olha e cativa os que o viram e seguiram. Para tornar-se discípulo de Jesus, é necessário recordar e deixar ecoar na memória do coração, o que foi visto, ouvido e sentido no encontro pessoal com ele.¹⁷⁹ Assim, obediente à Palavra do mestre, o cego se levanta, coloca-se a caminho, pois a cura não acontece automaticamente. É bem provável, que aqui tenha continuidade o processo da cura, pois a passagem das trevas para a

¹⁷⁷ Cf. BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*, pp. 460-464.

¹⁷⁸ Cf. Sl 27,1; Jô 33,35; Pr 3,16; Gn 1.

¹⁷⁹ Cf. BARREIRO, Álvaro. *Vimos a sua Glória*, pp. 67-81.

luz se dá desde a proximidade da vida, ou seja, no olhar cheio de ternura de Jesus para com o cego, no fazer e unguir com o barro, mas também no caminho, onde o cego deverá aceitar a luz e optar livremente por ela (Jo 3,19-21; Jo 1,12).

A opção livre do homem se manifestará indo à piscina de acordo com a Palavra imperativa de Jesus, se seguir o caminho que ele aponta e for ao lugar que ele diz, encontrará a luz. O que era carne nascerá do Espírito (Jo 3,6)¹⁸⁰ e se tornará um homem novo, discípulo no caminho.

De um modo geral a água é antes de tudo fonte e poder de vida: sem ela, a terra não é mais que um deserto árido cenário da fome e da sede, onde homens e animais estão condenados à morte. Contudo, há também águas de morte: a inundação devastadora que transtorna e traga os seres vivos.¹⁸¹

O autor do Eclesiástico descreve com palavras bem modestas uma das obras mais célebres da engenharia em tempos bíblicos, encontrada e pesquisada por arqueólogos desde 1880: “Ezequias fortificou a sua cidade e conduziu água para dentro dela. Cavou com ferro um canal na rocha e construiu reservatórios de água” (Eclo 48,17). As águas da piscina de Siloé são águas da fonte Guion e se referem ao túnel que Ezequias mandou escavar, através da colina sul-oriental da cidade de Davi para conduzir as águas da fonte Guion, salvadoras em tempo de assédio e purificadoras em tempo de paz, para um lugar dentro das muralhas (2Rs 20,20). Por ter um leve declínio as águas correm mansa e permanentemente. Dentro das muralhas foi construído um novo reservatório, a chamada Piscina de Siloé. A cidade de Jerusalém dispõe de uma única fonte de água perene chamada Guion. Ela fica no vale Cedron, a leste da colina em cima da qual começou a fundação desta cidade a chamada colina sul-oriental. A palavra Guion em hebraico significa a jorradora. Sendo uma fonte de pouco volume, ela não dá origem a um grande rio, senão a um pequeno córrego. Porém, como diz o seu nome, forte e confiável - suas águas correm mansas e são perenes, não morrem nem nos piores tempos de seca.¹⁸²

¹⁸⁰ Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*, p. 408 “A dupla menção de unguir, Jo 9,6.11 e da piscina Jo 9,7, termo que será utilizado para designar a fonte batismal cristã, mostram que se lê a atividade de Jesus através dos ritos de iniciação de uma comunidade”. No entanto alguns autores, dentre eles R. Bultmann nega a realidade sacramental de textos Joaninos como por exemplo: Jo 6,51-58. Aqui é negado o simbolismo sacramental referente à Eucaristia.

¹⁸¹ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. *Vocabulário de Teologia Bíblica*, pp.1068-1072.

¹⁸² Cf. OTTERMAN, Mônica. *As Águas mansas de Siloé* in: Estudos Bíblicos - Ternura Cuidado e Resistência, p. 62.

Através dos tempos esta fonte foi-se constituindo a querida fonte Guion do povo de Israel. O próprio Iahweh compara sua Palavra às águas mansas do Siloé.¹⁸³ Siloé vem do hebraico שילׁוֹע com o significado de enviar, mandar. Ligado ao campo semântico da água, significa um canal que manda águas de um rio ou de uma fonte para outros lugares, com a intenção de levá-las para mais perto de suas casas ou de espalhá-las no meio de canteiros e roças. Daí a relação entre as forças curadoras de Jesus, o Enviado do Pai, e as águas da piscina de Siloé, da qual se diz explicitamente que seu nome significa o “Enviado” (Jo 9,7).

4.9. Obediência e a transformação

A cura da cegueira é uma obra de Deus, realizada pelo Filho, o enviado do Pai. Assim, o Cristo-Ungido, após o toque recriador de sua presença, através do gesto da unção com o barro, envia o cego às águas da piscina pela força de sua Palavra. O cego de nascença aceita prontamente as Palavras de vida do Mestre. Jesus deixa em suas mãos a decisão da cura, cuja realização se dará através da obediência, confirmada nos termos: ἀπήλθεν οὖν καὶ ἐνίψατο καὶ ἦλθεν βλέπων. Na LXX, ἀκούω representa consistentemente o hebraico שמע. O significado é o da percepção dos sentidos.¹⁸⁴ A apreensão, porém, entra imediatamente em jogo tão logo a pessoa recebe uma declaração, uma notícia ou uma mensagem. A apreensão exige a aceitação, a escuta (Gn 4,14; Gn 4,23; Gn 23,11); a compreensão (Gn 11,7; Gn 42,3) e a atenção à coisa ouvida (Is 1,2-10; Jr 2,4; Mq 1,2). Logo שמע adquiriu, o significado de obedecer.

Na revelação bíblica, ouvir tem significância muito maior do que no mundo grego. Isto porque Deus, na sua Palavra, se encontra com o ser humano, e o ser

¹⁸³ Cf. OTTERMAN, Mônica. *As Águas mansas de Siloé* in: Estudos Bíblicos - Ternura, Cuidado e Resistência, pp. 59-72. “Neste caso, o ponto de comparação não são a força e riqueza imediatas que brota da vida da natureza pela fecundidade da água na mãe terra, mas pelo lamento de Jr 2,13: “eles abandonaram a mim, a fonte de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rachadas que não seguram a água” A Palavra profética aproveita da situação, criada pela obra humana bem integrada ao seu ambiente. Oriundo da fonte Guion o canal tem uma inclinação tão insignificante que sua água corre devagar, mansa. Esta imagem de uma pequena corrente de água pacata, inofensiva e controlada adequadamente pela tecnologia humana, evoca o som de uma água que corre cantando e murmurando uma mensagem de paz e harmonia, de fartura e de beleza. Tudo isso torna-se símbolo de uma atitude pacífica, não violenta, cheia de confiança em Iahweh, atitude esta abandonada pela política.”

¹⁸⁴ Cf. 2Sm 15,10 - Por exemplo ‘ouvir uma trombeta’ “Absalão mandou emissários a todas as tribos de Israel para dizer-lhes: quando ouvirdes o som da trombeta, dizei uns aos outros: Absalão se fez rei em Hebron!”

humano, portanto tem o dever de ouvir a Palavra de Deus. Tal fato não exclui a revelação de Deus na esfera do visível. O processo mental não deve ser separado da percepção dos sentidos. A revelação profética pressupunha que o conteúdo do conhecimento, da vontade de Deus expressa na Lei já era conhecido. Os profetas, como portadores da revelação divina, advertiram o povo, as nações, e até os céus e a terra, que deviam escutar a Palavra de Deus que vinha através deles.

No Novo Testamento o conteúdo desta mensagem é Jesus Cristo, o Messias prometido conforme a Antiga Aliança. Aqueles que nele crêem recebem uma vida nova, a plenitude da salvação, bem como uma nova revelação que ultrapassa aquela do Antigo Testamento. Esta revelação que nele foi manifestada, não se percebe somente através da audição como também através dos sentidos.¹⁸⁵

Essencialmente é uma questão de ouvir e ver. Jesus, nos Sinóticos pronunciou bem-aventurados os olhos e ouvidos daqueles que ficaram sendo testemunhas da salvação almejada pelos piedosos de gerações anteriores (Mt 13,16-17; Lc 10,23-24). Aos discípulos que João Batista, já na prisão, enviou para Jesus, este disse: “Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo” (Mt 11,4; Lc 7,22). Lado a lado com as Palavras de vida do Mestre Jesus, aparecem seus atos poderosos que no Evangelho de João são os sinais, cuja intenção é ensinar, revelar o salvador enviado ao mundo. No monte da transfiguração, os discípulos de Jesus viram a sua glória oculta, e ouviram a voz que lhes dizia: “a ele ouvi” (Jo 8,43; Jo 12,20).

O entendimento deve acompanhar o ouvir, a fim de que a semente da Palavra, jogada no coração do ser humano frutifique (Mt 13,23; Mt 15,10). A atitude contrária que não entende a Palavra ouvida e não quer aceitá-la, tem como resultado final o endurecimento, ou seja, permanece nas trevas.¹⁸⁶ Embora, porém, semelhante ouvir e entender é dádiva de Deus, não se exclui de modo algum, a atividade humana. Do mesmo modo, como entre Cristo e o Pai se estabeleceu um relacionamento, com base na escuta mútua, pois ele, conforme diz Paulo: “Humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz!” Cristo, portanto, é o modelo perfeito de obediência. Observa-se que o modo como o cego, já tocado

¹⁸⁵ Cf. Jo 1,14 paralelo a 1Jo 1,1: “O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos, e o que nossas mãos apalparam do Verbo da vida”. A Palavra era considerada fonte de vida. Aqui o nome de Palavra é dado ao Filho de Deus, com quem conviveram os apóstolos, e o complemento lembra o que é desejado em Jo 1,3; Jo 5,11-13; Jo 1,1.14.

¹⁸⁶ Cf. Jo 8,43; Jo 12,20.

pela graça, ouviu a Palavra, o colocou em sintonia com o Mestre. A Palavra libertadora e transformadora chega-lhe aos ouvidos, envolve todo o seu ser, o coloca de pé, dando passos em direção à vida digna e abençoada a partir da luz. Sai da inatividade, na qual vivia e passa a ser ativo o tempo todo, de tal modo que a partir deste momento o cego de nascença mostra que ouviu o chamado, ainda que entender por completo, supõe um longo e progressivo caminho, transparece no seu modo de ser e de agir, a transformação que lhe ocorreu.

O itinerário se faz pela fé, ou melhor, a coragem de se por a caminho se faz pela obediência “*fidei*”.¹⁸⁷ Neste sentido, o chamado de Jesus para que se levante da situação em que se encontra, mesmo antes de o ver,¹⁸⁸ nos remete às palavras do Mestre a Tomé: “Porque viste, creste. Felizes os que não viram e creram” (Jo 20,29). A fé do que fora cego cresce na adversidade, mas quem provoca esta fé e o leva à maturação é o próprio Jesus. O cego pôde receber o presente da visão, graças a sua abertura e a sua honestidade no esclarecimento da verdade, sobre ele mesmo e sobre Jesus, conforme o autor nos informa mais adiante (Jo 9,13).¹⁸⁹

O aoristo ἀπῆλθεν significa **ir junto a**, ou dirigir-se na direção de quem chama. Indica um desejo de aproximação e segundo K. Stock¹⁹⁰ à aceitação do convocado, inicia um processo de conhecimento da identidade de Jesus, e ao mesmo tempo, aquele que aceita o convite começa a ter um vínculo com o doador de sua liberdade. É daí que advém a ação transformadora realizada por Jesus, fonte de vida e luz para o cego de nascença. Aquele que foi **visto** voltou **vendo**, pois, o olhar de Jesus, entrelaçado à sua ação, é provocador do dinamismo da vida, coloca as pessoas em movimento para ir e vir. O ato de lavar-se não tem o sentido da purificação, pois nem ele nem seus pais tinham pecado (Jo 9,3). Lavar-

¹⁸⁷ Cf. McKENZIE, John L. “Obediência”, *Dicionário Bíblico* pp. 340-343 “A fé contém certo grau de obscuridade: ela concede total certeza e confiança, mas não permite a totalidade do conhecimento. O cristão caminha pela fé e não pela visão 2Cor 5,7. O cristão não vê a consumação da qual ele tem certeza. Para Paulo a fé também é obediência Rm 1,5; 16,26. O simples ato de fé se completa numa adesão cada vez maior a Jesus Cristo, até que alcance o ponto em que o crente viva com Cristo, crucificado com ele”. Gl 2,20.

¹⁸⁸ Cf. BAUER, Johannes B. “Ver”, *Dicionário Bíblico Teológico*, pp. 450-453. “No Novo Testamento reina plena clareza quanto à impossibilidade de uma visão imediata de Deus nesta terra. Quando Filipe pede uma teofania, recebe a resposta: ‘Quem me vê, vê o Pai... não crês que estou no Pai e que o Pai está em mim?’ Jo 14,8-10. Somente na fé podemos ‘ver’ a Deus, isto é, chegar á união com ele. O Filho de Deus encarnado é a imagem perfeita do Pai e o caminho para ele. Foi na fé que os discípulos viram sua glória (Jo 1,14), sobretudo nos ‘sinais’ que ele operou Jo 2,11; 11,40”.

¹⁸⁹ Cf. PALLARES, José Cárdenas. *Jesus, a luz que ilumina e põe em evidência*, in: RIBLA, O Discípulo Amado, pp. 36-43.

¹⁹⁰ Citado por MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de Marcos*, p. 114.

se¹⁹¹ indica, portanto, a aceitação da água do Enviado, o Espírito, o amor que se manifesta. Sua resposta ao amor oferecido foi a da abertura e acolhimento da luz. O resultado da ação de Jesus e da aceitação por parte do cego tem como efeito a visão. A mudança ou transformação, que se torna evidente a todos, consiste na capacidade de ver e conhecer o que seja o homem e o mundo. Foi alcançada pelo contato com o barro de Jesus, aceito por ele, ou seja, pela percepção do projeto de Deus sobre o homem e a sua adesão a ele. Equivale a um dom de sabedoria que lhe possibilita distinguir os verdadeiros valores dos falsos (Jo 9,13). E é então, que o cego vê a luz, através do encontro com o Mestre, na obediência à sua Palavra e através de sua ação recriadora. Por meio deste ensinamento a partir da vida, recebeu o dom da percepção vital do que é o homem. Ele agora sabe, em si mesmo, o que significa sê-lo. Esta experiência de transformação o orientará daí em diante, em sua atitude frente aos que não o aceitam, com o brilho da **Luz** em seu rosto. Depois de ser visto e obedecer às Palavras do mestre, o que tinha nascido cego tornou-se irreconhecível. Quem faz a experiência de se deixar olhar-recriar por Jesus, está também disposto a crescer na vida de fé. Quem é visto e olhado ouve suas Palavras e as pratica, torna-se um ser humano novo, um iluminado, é literalmente dado à luz, adquire uma nova consciência de sua identidade e de sua dignidade, e, conseqüentemente, muda seu modo de viver, de pensar e de agir.¹⁹²

4.10. A nova identidade do cego

A ação transformadora, realizada a partir do olhar, gestos e obediência à Palavra é tão radical, que é ao mesmo tempo provocadora de espanto, de incerteza e de perplexidade, frente às pessoas que o conheciam, ou seja, começa neste momento um diálogo entre os vizinhos e o ex-cego.¹⁹³ Diante da luz, isto é, a vida brilhando em todo o seu esplendor e força no rosto daquele, cuja visão foi-lhe

¹⁹¹ Citado por BENTO, Silva Santos, *Teologia do Evangelho de São João*, p. 79. “A propósito convém notar que a tese de R. Bultmann, segundo a qual Jo 6,51-58 terá sido acrescentado por um redator eclesiástico e que não teria nenhuma referência ao sacramento da Eucaristia na redação primitiva, foi superada pela tendência exegetica atual. Esta superação derruba a tese de que o Evangelho de João não apresenta características sacramentais”.

¹⁹² Cf. BARREIRO, Álvaro. *Vimos a sua Glória*, pp. 122-125.

¹⁹³ Conforme se esclarece na “crítica da tradição” - no Antigo Testamento não se tem notícia de nenhum caso de cura de “cego de nascimento”.

dada, estabelece-se entre eles uma discussão a respeito de sua identidade. As obras de Deus manifestadas, realizadas pelo Filho o Enviado, tinham também o objetivo de introduzir a discussão, cuja lembrança evoca o ambiente dividido em torno da obra de Jesus (Jo 7,10-13) e espelha a divisão reinante entre os “judeus” e a comunidade Joanina, algumas décadas depois. Jesus afasta-se, e avança para o primeiro plano as outras pessoas com suas reações.

Esclarece-se aos poucos que o modo da atuação da luz-Jesus quer demonstrar como que por meio de um processo a realidade do milagre. Mas quer também revelar as diversas posições ante Jesus, as diversas reações defronte à verdade.¹⁹⁴ Sem dúvida afirma-se com clareza e insistentemente a realidade do milagre, pelo testemunho dos vizinhos, interrogação do cego, mas quer também mostrar que os fariseus fecham os olhos para o que é evidente.¹⁹⁵

Pela primeira vez, aparece na perícopes a informação de que o cego era também *προσαίτης*. Ser mendigo é ser excluído da sociedade. O cego não tem nome. A “sociedade não dá nome e não trata as pessoas pobres, pecadores, mendigos ou cegos pelo nome”.¹⁹⁶ O cego era imóvel, impotente, dependente dos outros. Jesus ao dar-lhe a vista, deu-lhe mobilidade e independência. O caso do cego apresenta estreito paralelismo com o do inválido. Um estava atirado, o outro assentado, ambos sem poder valer-se da característica própria da vida, o movimento. São mortos que recebem a vida (Jo 5,21), oprimidos que recebem liberdade. Pois também o paralisado é figura do povo paralisado, à espera de alguém que o liberte. Jesus vai ao encontro do paralisado e o ordena que se levante e ande, encontrando sua liberdade e decidindo seu próprio caminho.¹⁹⁷ Para Jesus

¹⁹⁴ Cf. McKENZIE, John L. “Verdade”, *Dicionário Bíblico*, pp. 956-957. “Bultmann pôs em evidência que a ‘verdade’ em João tem uma força particular e especificamente cristã. O termo é comum em João e é freqüentemente combinado com outros termos-chave Joaninos como luz e vida. A força deste sentido particular Joanino é evidente no diálogo de João 8. A verdade que Jesus apresenta é alguma coisa que pode ser conhecida, no sentido hebraico de conhecimento e que liberta 8,32. Quem é da verdade, escuta a sua voz. Verdade é a realidade de Deus divinamente revelada, manifestada nas Palavras e na pessoa de Jesus Cristo. Sem esta Verdade, o humano é ignorante e enganado”.

¹⁹⁵ Cf. MAGGIONI, Bruno in RINALDO, Fabris. *Os Evangelhos II*, pp. 378-382.

¹⁹⁶ Cf. MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas em João*, p. 197 “A sociedade, em qualquer lugar, e em qualquer tempo, olha para os pobres, prostitutas, mendigos e cegos e trata-os sempre pelo nome coletivo. Ao olhar para um pobre não se pergunta pelo seu nome. Ainda que o cego seja o representante da cegueira da humanidade. João segue a mesma linha de Lc 7,38-40, respeita os paradigmas sociais e mostra como Jesus resgata as pessoas sem nome, sem identidade e sem distinção, mas ironiza as pessoas que têm nome e posição social que se outorgam o direito de desprezar os outros”.

¹⁹⁷ Cf. NICCACI, Alviero & BATTAGLIA, Oscar. *Comentário ao Evangelho de São João*, p. 90-94.

e seu Pai, o importante é a vida e a liberdade. Elas estão acima até mesmo das leis religiosas e da opinião de quaisquer autoridades. O autor Joanino situa o milagre do parálítico no contexto do agir divino que conduz a criação ao seu supremo acabamento. O dia a que se refere indiretamente o evangelista é, pois, o verdadeiro sábado, aquele em que a obra de Deus culmina, por meio de seu Filho.¹⁹⁸

No entanto o inválido não tirara as conseqüências de sua experiência de vida e liberdade: continuava na antiga sujeição (Jo 5,14). O cego, pelo contrário, não necessita de que Jesus o avise. Essa experiência relativiza para ele toda a autoridade e ensino dos mestres, os dirigentes do tempo. Origina daí o fato de João anotar duas vezes que é maior de idade (Jo 9,21; Jo 9,23), ou, atingiu a maturidade da fé. A experiência do Espírito (Jo 5,7): a água do Enviado terminou nele a obra criadora.¹⁹⁹

A passagem das trevas para a luz se faz com o novo nascimento no Espírito. O cego é o homem nascido no seio das trevas, ou a mentira, a qual, ocultou o projeto de Deus para ele. Ao untar-lhe Jesus os olhos, com o seu barro (Jo 9,6), fá-lo ver o brilho da luz-verdade: a vida contida no projeto divino faz-se luz para ele. Ao aceitar livremente a água do Enviado (Jo 9,7), o Espírito o ilumina e ele recupera a visão.

A dúvida sobre a identidade do cego aponta para a nova condição de “homem-espírito” e reflete ao mesmo tempo, a novidade que o Espírito produz; sendo o mesmo, é outro. É a diferença que se faz sentir, entre um homem sem liberdade e o homem livre que mostra a sua independência com relação ao julgamento dos dirigentes, em proclamar a sua verdadeira identidade.

¹⁹⁸ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho Segundo João II*, p.19-28

¹⁹⁹ Cf. MATEOS, Juan & BARRETO, Juan. “Criação”, *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*, p. 166. “Os episódios do inválido Jo 5,1 e do ‘cego de nascença’ Jo 9,1 mostram a chamada de Jesus à liberdade. No primeiro caso, a figura do inválido representa a multidão destroçada pela opressão que os dirigentes exercem por meio da Lei. A submissão à lei os priva de movimento e vida. Jesus dá a força para andar por si mesmo e escolher o seu caminho; não lhe pede que o siga, mas simplesmente lhe dá a liberdade. Ao ver que o homem continua submetido à instituição que o oprimia, Jesus lhe avisa onde está o perigo para ele Jo 5,14. Esta libertação origina a polêmica. Em Jo 9,1 é diferente. O cego não é homem submetido voluntariamente à Lei, mas um oprimido que nunca conhecera a dignidade humana Jo 9,1: cego de nascimento - sua situação era de inatividade e dependência Jo 9,8. Também Jesus não o chama a segui-lo; deixa-o enfrentar as conseqüências de sua nova condição; o homem mostra sua liberdade diante dos vizinhos e dirigentes rebatendo seus argumentos, até que é expulso Jo 9,34. Então o encontra Jesus Jo 9,35”.

A experiência de vida que Ihe comunica o Espírito desvenda-lhe a verdade: verdade sobre ele mesmo e sobre o Deus-amor que leva o ser humano à sua plenitude, dando-lhe a vida, a dignidade humana, a identidade (Jo 9,9): ἐγὼ εἶμι²⁰⁰ pelo novo nascimento. Deriva desta expressão nos lábios do cego, um auto-reconhecimento do seu novo ser. O ex-cego atesta em seu corpo a luz da vida que é Jesus. É uma declaração pública de sua verdadeira identidade. Esta verdade adquirida na experiência do toque, unção, no ouvir e entrar em comunhão com a Palavra do Mestre, no caminho, o tornará um aprendiz itinerante, o sustentará em sua fidelidade à verdade - defendida a cada nova interpelação no que se segue. Esta verdade o coloca dialogando com os que o conheciam. Ela é a sua sabedoria. Com ela torna-se possível, opor-se aos dirigentes, que, ao condenar a ação de Jesus continuam propondo a mentira de um Deus que antepõe o preceito legal à integridade e plenitude do ser humano.²⁰¹ A verdade²⁰² de sua identidade descoberta o tornou um homem novo, livre, incompatível com a instituição que são as trevas. E o lançaram fora (Jo 9,34).

4.11.

O testemunho do homem curado

O substantivo μαρτυρία significa fazer declarações como testemunha, sendo que a sua forma mais antiga ficou sendo μάρτυς cujo sentido é a confirmação de um fato, ou evento. Seu conteúdo pode ser mais exatamente definido como lembrança reflexiva e interrogativa, “relembrar”, isto é, chamar para a consciência alguma coisa que alguém experimentou e que não pode ser negligenciada ou esquecida, e que agora, neste sentido é trazida à atenção de outras pessoas, a fim

²⁰⁰ Cf. COTHENET, E. & DUSSAUT, L. & FORT, P. & PRIGENT, P. *Os Escritos de João e a Epístola aos Hebreus*, p. 284. “Os ‘eu sou’ seguidos de um atributo não são outra coisa que a revelação da realidade divina, que se manifestou sobre a terra em Jesus: ‘Eu sou o pão da vida’ Jo 6,35, ‘Eu sou a luz do mundo’ (Jo 9,5), ‘Eu sou a porta das ovelhas’ Jo 10,7, etc. Os bens representados por estas metáforas só podem ser encontrados em Jesus. O pão, a luz, o pastor e o rebanho, a vida são símbolos que expressavam, na pregação profética, a relação de Deus com o seu povo. Por conseguinte, os ‘Eu sou’ em sentido figurado podem ser uma adaptação da simbologia do Antigo Testamento. Finalmente, quanto aos ‘Eu sou’ em sentido absoluto de João, reconhecemos em Jo 8,28.5 e Jo 13.19 que Jesus reivindica a participação na eternidade de Deus. Nestes textos, Jesus aplica a si mesmo o nome divino inefável referindo-se quer à grande teofania de Ex 3,14, quer à fórmula habitual de revelação: ‘Eu sou Iahweh’. O Ἐγὼ, o Jesus que fala como o revelador do Pai, é sim, o Eu do Λόγος eterno que estava no princípio da criação, o Eu do próprio Deus”.

²⁰¹ Cf. João 9,16; 9,24.

²⁰² Cf. McKENZIE, John L. “Verdade”, *Dicionário Bíblico*, p. 956.

de transmitir a estas, por meio de declarações apropriadas, o conteúdo desta experiência: aquilo que foi experimentado ficará sendo evidente mediante o testemunho. O âmbito original da palavra do mundo grego é claramente a esfera jurídica.²⁰³ Pessoas comparecem a fim de dar testemunho em um inquérito judicial a respeito de eventos. São mencionadas nominalmente e apõem suas próprias assinaturas abaixo do texto.

A idéia de um testemunho ou de uma testemunha que derivem de convicções subjetivas que não possam ser averiguadas não é conhecida no Antigo Testamento, nem tem qualquer lugar no judaísmo. A palavra adquiriu pela primeira vez sua importância específica na teologia bíblica no Novo Testamento, mais precisamente, em Atos e na literatura Joanina.

Das 76 ocorrências do verbo μαρτυρέω 43 se encontram em João. Do uso freqüente da palavra testemunha no Evangelho de João deriva que o conceito de testemunha também tem maior relevância teológica para este escritor do que para todos os demais.

João resume o conteúdo do evento de Cristo e do Evangelho no conceito de Λόγος. O testemunho em favor de Jesus é a Palavra (Jo 5,39), à qual se atribuíra autoridade divina. De fato, ela contém a mensagem do Pai (Jo 5,38), que Jesus cumpre (Jo 8,55). Isto faz dela testemunha em favor dele. Contudo, para demonstrar a origem divina de sua missão, Jesus aduz como único testemunho à qualidade de suas obras, feitas em favor do homem (Jo 10,25).

As suas obras são testemunho decisivo e último, pois em virtude de comunicarem a vida e libertarem o homem, são testemunho do próprio Pai (Jo 5,37). As obras, que são ao mesmo tempo suas e do Pai, são a voz simultânea de duas testemunhas. Assim o testemunho é válido, conforme o que relata o evangelista (Jo 5,31; Jo 8,18). Por isso, adota também o verbo μαρτυρέω e o substantivo μαρτυρία, isto é, duas palavras que denotam ação, a fim de expressar o evento da comunicação divina em todos os seus aspectos.²⁰⁴

²⁰³ Cf. COENEN, Lothar & BROWN, Colin. "Testemunha", *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, p. 1246.

²⁰⁴ Cf. COENEN, Lothar & BROWN, Colin. "Testemunha", *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, pp. 2510-2514.

O Evangelho de João é emoldurado, dinamizado pelo testemunho, como que um fio condutor do início ao fim do escrito,²⁰⁵ e que por sua vez, está intimamente relacionado com a fé em Jesus, Messias e Filho de Deus. Isto já é o suficiente para indicar que a partir da afirmação: “creste porque viste. Felizes os que crêem sem ter visto” (Jo 20,29), pode-se reconstruir todo o processo do crer, como o concebeu o evangelista: Jesus de Nazaré, o fato histórico - que, ao realizar sinais, revela aos discípulos sua glória. A glória do Pai que é a **vida** dos seus; os discípulos que viram creram e por isso testemunham; a comunidade posterior que crê sem ter visto, confiando no testemunho dado pelos que viram. Aqui se pode dar um passo adiante e deter na observação dos versículos²⁰⁶ que não afirmam simples e genericamente uma conexão entre os sinais realizados por Jesus e o crer, porém mais precisamente, entre os sinais escritos e o crer. Com isso, a intenção de João fica transparente e, por conseguinte, também a ótica com que se deve encarar a leitura do seu Evangelho. O escrito ocupa o lugar de testemunho dos discípulos, diante do qual Tomé deveria ter crido sem pretender ver. A história de Jesus ocupa o lugar do ver. Ao adentrar no texto o leitor, tornando-se como o discípulo, contemporâneo de Jesus, entra em contato com uma história diante da qual alguns viram, creram e testemunharam, os discípulos, e outros viram, mas não creram, por isso não são testemunhas, “os judeus”. O leitor é convidado a tomar uma posição.²⁰⁷

Em face destas prerrogativas, se considerarmos que a palavra μάρτυς designa a testemunha, e que μαρτυρία e μαρτυρίον são decorrentes da primeira raiz, da qual procede em português a expressão mártir, podemos então, entender que a figura das testemunhas e o esquema de testemunhos na redação do Evangelho de João foi uma imposição da condição histórica do martírio e luta que a comunidade de João vivia.

²⁰⁵ Cf. Jo 1,7-8: “Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz”. E na forma de uma tese: “Pois eu de fato vi, e tenho testificado que ele é o Filho de Deus - ‘Este é o discípulo que dá testemunho dessas coisas e foi quem as escreveu; e sabemos que o testemunho é verdadeiro’ Jo 21,24. Em relação ao termo ‘sabemos’ - a Bíblia de Jerusalém anota que aqui talvez fale um grupo de discípulos”.

²⁰⁶ Quem dá testemunho é aquele que escreveu Jo 21,24 e a mesma indicação se observa em Jo 21,25: “Há, porém, muitas outras coisas que Jesus fez e que, se fossem escritas uma por uma, creio que o mundo não poderia conter os livros que se escreveria”.

²⁰⁷ Cf. MAGGIONI, Bruno in FABRIS, Rinaldo. *Os Evangelhos II*, pp. 255-257.

Assim, o Evangelho resgata do anonimato, testemunhas pobres e ignoradas, que não foram lembradas na tradição Sinótica, mas que tinham em sua piedade comprometida e sofredora o perfil de muitos irmãos e irmãs da comunidade Joanina.²⁰⁸

Johan Konings afirma que o homem que foi curado torna-se uma valente testemunha da adesão a Jesus, para a comunidade Joanina. Enfrenta o confronto com os dirigentes do tempo e a conseqüente exclusão da Sinagoga. Atesta corajosamente para os que o interrogam a verdade do que se passou em seu ser. A partir da luz que brilhou em sua vida, o cego fez a passagem das trevas para a luz, nasceu de novo e está envolvido na causa que procura apresentar. Foi curado de sua cegueira, de modo que tem um impulso interior e que transparece no exterior através do brilho da visão que lhe foi dada, para pleitear a credibilidade de outras pessoas. Não pode deixar de falar do que experimentou em seu próprio corpo, com o novo nascimento, pois ele não testifica com suas próprias forças, mas sim no poder persuasivo do Espírito. Através da proximidade da luz no caminho que o fez “ver” ele tem consciência desta verdade de que o Espírito está ativo em desafiar o mundo com a veracidade daquilo que está dizendo, estampado no seu rosto, na sua nova identidade, no seu novo modo de ser. O que se pode ler por trás da sua coragem em defesa da verdade, é que ser tocado pelo testemunho de Jesus por meio da ação recriadora que lhe devolveu a vida, o colocou no serviço de testemunha. Foi impulsionado pelo dinamismo da vida a passar adiante e revela que há um poder inerente na μαρτυρία, por meio do qual Deus não dá aos homens meramente um conhecimento intelectual, mas também os coloca em ação. A μαρτυρία permite que a pessoa compartilhe do caminho, mas também do sofrimento e da perseguição de Cristo conforme vai acontecer mais adiante. O cego foi expulso da Sinagoga (Jo 9,34).

Uma vez estabelecido o fato, prossegue a investigação sobre o “como” lhe aconteceu e suas conseqüências. Em Jo 9,10 aparece pela primeira vez a partícula interrogativa πῶς cuja ocorrência se verifica várias vezes no texto,²⁰⁹ e exprime a incompreensão frente às obras de Jesus levando assim a uma repetição múltipla da

²⁰⁸ Cf. LOCKMAM, Paulo. *O Evangelho de João e o Testemunho Criativo do Povo* in: Estudos Bíblicos - Criatividade na Crise, pp. 42. “Neste sentido há no esquema das testemunhas um resgatar criativo da memória dos pobres e marginalizados, numa quase perfeita circulação hermenêutica, onde os pobres da Ásia Menor? (ou Éfeso?) se enxergam na figura dos pobres do Evangelho de João”.

²⁰⁹ Cf. Jo 9,15; Jo 9,16; Jo 9,19; Jo 9,21; Jo 9,26.

resposta, o que cria um efeito literário de insistência que condiz com o acontecimento inaudito - **como** se abriram os teus olhos . Para dizer que ele vê, o homem usa esta fórmula que substitui o simples “ver”²¹⁰ (Jo 9,7), através desta expressão ἤνεώχθησάν σου οἱ ὀφθαλμοί que se repete várias vezes em seguida (Jo 9,14; Jo 9,17; Jo 10,21; Jo 11,37). O motivo é que, a fórmula, sendo modelada sobre Is 42,7, tem conotações messiânicas e indica, por isso, a cura física e ao mesmo tempo a iluminação espiritual (Mt 9,30; Mt 20,33; At 26,18).

Ἄνθρωπος - o termo adquire importância em todo o relato onde ocorre em referência ora ao cego, ora a Jesus.²¹¹ Na boca do curado, que ainda não conhece Jesus Jo 9,12, exprime o primeiro grau de compreensão de sua pessoa, mesmo que na intenção do evangelista o termo possa ter um significado mais profundo. Pois, a expressão “o Homem-aquele Homem” em Jo 9,35 remete ao “barro de Jesus” sua própria imagem, com a qual ele unge os olhos do cego” (Jo 9,6; 9,11) mostrando o que significa a plenitude humana. A expressão nos lábios de Jesus significa sua própria humanidade que possui a plenitude do Espírito, o projeto divino sobre o homem realizado nele, o modelo de homem, o vértice do ser humano. É a realidade de Jesus vista de baixo, desde sua raiz humana, que se ergue até a sua absoluta realização pela comunicação do Espírito. O seu correlativo é o título o Filho de Deus, que significa a mesma realidade vista desde cima, desde Deus, designando o que é totalmente semelhante a ele e possui a condição divina. Ao aceitar ser modelado, iluminado com as águas do Espírito, o homem que fora cego, aceita ser também divinizado em sua humanidade, chega à sua dignidade de vida e chegará do mesmo modo, passando por estágios intermediários, a um entendimento maior de quem é o homem que o curou, expressa na resposta dada às autoridades da Sinagoga: é um profeta (Jo 9,17) e um homem de Deus (Jo 9,33), até ao conhecimento perfeito de Jesus, “Filho do Homem”²¹² expressa na confissão de fé (Jo 9,35-38). É impressionante a

²¹⁰ Cf. SUQUÉ José Maria Casabó, *La Teología Moral en San Juan*, pp. 95-100. Sem dúvida o “ver” somente, não basta. Os testemunhos oculares necessitam crer, antes de terem visto. “A verdadeira fé implica um ato interior que se realiza no coração dos que crêem; o fato de ‘ver’ e ‘ouvir’ deve ser seguido deste ato interior.” Em conjunto ver e crer dão a vida eterna. A má fé que desse modo nega a Jesus e se exclui da vida, está estupidamente dramatizada na cena da cura do cego de nascimento. “Os ‘judeus’ buscam todas as escapatórias possíveis para evitar a significação do fato de que estão vendo: o que era cego, agora vê, é Jesus quem lhe tinha dado a luz. Em contraste com eles, o ex-cego de nascimento é símbolo vivo do homem iluminado por Jesus”.

²¹¹ Cf. Jo 9,12 “Não sei” conforme Jo 9,16; Jo 9,24; Jo 9,30.

²¹² Cf. JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento*, pp. 412-418.

fidelidade à verdade atestada no testemunho do ex-cego. Sabe que o homem se chama Jesus, que no contexto poderia aludir ao seu significado etimológico, Deus salva, mas não o conhece, οὐκ οἶδα. O certo é que, seguindo suas instruções, após o gesto recriador, obteve a vista.

O que evidencia a importância deste texto como relato de sinal é o tema da “luz do mundo” formulado em (Jo 9,5). Jesus está presente como a luz do mundo, o Mestre no caminho que dá a vida e a tudo ilumina. Ao símbolo da luz corresponde a dupla reação humana da cegueira e da visão, como respectivamente expressão da descrença e da fé, da condenação e da salvação que Jesus traz à humanidade. Além disso, o próprio curado aparece como testemunha de Cristo e o é em virtude de sua ação recriadora e da obediência à sua Palavra, juntando neste ato a ação divina, com a colaboração humana que o faz levantar-se, colocar-se a caminho na busca da maturidade cristã. O testemunho consiste em que ele não pode fazer outra coisa, a não ser testemunhar a sua cura realizada pelo pedagogo Jesus. Ao falar da cura, tem que falar também de seu salvador, o que veio trazer a luz da vida e o fez “ver”. Por isso é lógico que a discussão sobre sua cura se torne uma discussão sobre o próprio Jesus, embora ele não esteja presente. Se, se faz a leitura num segundo nível de tempo, segundo assinala-se acima - o tempo de Jesus e o tempo da comunidade Joanina - o relato trata de um confronto entre a comunidade cristã e a comunidade judaica no tempo do evangelista e do seu círculo.²¹³ Mas é bem possível que nestas duas sub-unidades, se possa dizer que o texto é costurado por um fio condutor: o conceito gêmeo **luz-vida**, onde o cego nasce para uma nova existência, a partir de sua adesão a Jesus.

²¹³ Cf. SCHNACKENBURG, Rudolf. *El Evangelio Según San Juan II* p. 302. “a exposição reflete claramente as circunstâncias históricas do evangelista e de sua comunidade. Dois são os pontos principais que se destacam: 1 - o confronto acerca da messianidade de Jesus e 2 - o processo de exclusão da comunidade judaica”.